



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS AGRÍCOLAS

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO CURRICULAR
OBRIGATÓRIO**

RICARDO TORRES DA SILVA

Recife

2020

RICARDO TORRES DA SILVA

RELATÓRIO FINAL ECO

Relatório apresentado para avaliação do estágio curricular do curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas da UFRPE como requisito para a conclusão do curso.

Orientadoras do estágio e relatório:

ECO I – Prof.^a Gilvânia de Oliveira Silva de Vasconcelos

ECO II – Prof.^a Andréa Alice da Cunha Faria

ECO III – Prof.^a Maria Elizabete Pereira dos Santos

Recife

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

586r

Torres, Ricardo

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO / Ricardo Torres. - 2020.
72 f.

Orientador: Maria Elizabete Pereira dos Santos.
Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Ciências Agrícolas, Recife, 2020.

1. Formação de educadores. 2. Prática pedagógica. 3. Laboratórios de ensino. 4. Regências. I. Santos, Maria Elizabete Pereira dos, orient. II. Título

CDD 630

DEDICATÓRIA

A toda minha família, ao meu Pai Antônio, minha mãe Maria José, meu irmão Renato e minha noiva Elaine Maria pelo apoio, incentivo e força.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a DEUS pela graça da minha vida e por estar sempre presente em todos os instantes.

A minha família, meu Pai Antônio, minha mãe Maria José e meu irmão Renato pelo apoio, incentivo e força nessa conquista do curso de Agronomia, por terem acreditado que eu seria capaz.

A minha noiva Elaine Maria por todo o amor, carinho, incentivo e fé que tem sobre mim para concluir esse curso.

Agradeço a Universidade Federal Rural de Pernambuco pela oportunidade, acolhimento e permissão para construir conhecimentos ao longo desses anos. A Ruralinda mostrou que uma nova realidade no campo é possível.

As professoras, Gilvânia de Oliveira, Andréa Alice e Maria Elizabete pela orientação nos relatórios de estágios, pelos conselhos e motivação que sempre nos tem proporcionado, contribuindo para chegar aonde cheguei, e por essas grandes profissionais que vocês são.

Aos professores/a Aristeu Portella, Jorge Tavares, Mônica, Denise, Joana, Nunes, Janaina e aos outros demais professores e professoras que contribuíram para o meu desempenho acadêmico e profissional em sala de aula.

Ao meu orientador Wellington Costa, professor do IFPE Campus Vitória, por sua disponibilidade e boa vontade em mostrar os caminhos para conclusão do presente trabalho.

A Daniela, funcionária da coordenação, sempre à disposição para atender a mim e aos demais estudantes nos momentos mais necessários.

Aos meus amigos da minha turma de 2016.1 em especial a Leão, Adriana e Alessandra, por partilhar momentos valiosos e experiência na minha vida e deixará eternas saudades.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
2.1 FORMAÇÃO DE EDUCADORES	7
2.2 A DOCÊNCIA.....	10
2.3 OS SABERES DOCENTES.....	12
3. ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO	13
3.1 ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO I (ECO – I)	13
3.1.1 Laboratório de ensino em nível técnico profissional (EC-I).....	20
3.1.2 Importância do Laboratório de ensino para minha formação docente.	23
3.1.3 Dificuldades encontradas nos semestres	23
3.2 ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO II (ECO – II).....	23
3.2.1 Laboratório de ensino em nível técnico profissional (EC-II).....	23
3.2.2 Descrições analíticas das observações no campo de estágio.....	26
3.2.3 Análise crítica do processo de ensino-aprendizagem.....	27
3.2.4 Importância dos laboratórios de ensino para minha formação docente	30
3.2.5 Dificuldades encontradas nos semestres	31
3.3 ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO III (ECO – III).....	31
3.3.1 Observação de aula, por videoconferência dos colegas levantando o(s) problema(s) evidenciado(s)	31
3.3.2 Entrevistas com os estudantes da escola	33
3.3.3 Regências de aulas	34
3.3.4 Atividades Assíncronas	36
3.3.5 Importância das atividades assíncronas para a sua formação.....	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
5. CRÍTICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA POR MEIO DO ENSINO REMOTO.....	39
6. SUGESTÕES PARA MELHORAR NOS PRÓXIMOS SEMESTRES	39
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICES	43
ANEXOS	52

1. INTRODUÇÃO

O Estágio Curricular Obrigatório (ECO) do curso de licenciatura em ciências agrícolas da UFRPE tem como objetivo desenvolver competências técnica, política, ambiental e humana que viabilizem ao futuro profissional da educação desenvolver a docência de forma crítica e comprometida com a realidade educacional e socioambiental. O Estágio Curricular Obrigatório apresenta carga horária total de 405 horas, composta por três disciplinas: Estágio Curricular I (90h), Estágio Curricular II (105h) e Estágio Curricular III (210h). As atividades são desenvolvidas tendo por base, predominantemente, a educação formal, com ações de diagnóstico da realidade escolar, Observações de aulas, planejamentos de aulas, laboratórios de ensino, pesquisas na escola, relatórios parciais e, após vários exercícios e reflexões sobre a prática pedagógica, culminamos com identificação e discussão sobre problemas identificados para ministrar as aulas remotas, regências de aulas com avaliações e dificuldades, atividades assíncronas e relatório final.

As atividades são desenvolvidas tendo por base, predominantemente, a educação formal, com ações de diagnóstico da realidade escolar, observações de aulas, planejamento de aulas, laboratórios de ensino, pesquisas na escola, relatórios parciais e, após vários exercícios e reflexões sobre a prática pedagógica, culminamos com as regência de aulas e relatório final.

O estágio foi desenvolvido na escola Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE Campus Vitória de Santo Antão. As regências de aulas, foram ministradas na área de Agropecuária sob a supervisão do professor Wellington Costa da Silva. As atividades foram desenvolvidas em comum acordo com as entidades colaboradoras, neste caso o IFPE Campus Vitória de Santo Antão, a UFRPE e os estagiários.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 FORMAÇÃO DE EDUCADORES

O capítulo inicia com uma reflexão do desafio de cursar a licenciatura, assim como a adaptação e aceitação do estudante como futuro docente. O texto aborda sobre a formação do educador unificando a articulação da teoria e prática como metodologia que contemplam o saber. Por fim, a partir da reflexão citada de Paulo Freire (1996) destaca “a reflexão crítica na formação permanente, assim como as dificuldades nas condições de trabalho”.

Quando se deparam ao iniciar um curso de licenciatura, existe a insegurança e receio se vai ou não conseguir desenvolver um bom trabalho em sala de aula como um futuro educador. São dúvidas e questionamentos e preocupações sobre o domínio de conteúdos que julgam necessário, os métodos que adotarão para realização das atividades e até sobre o real desejo de ser um educador.

Porém, com o passar do tempo, os licenciandos passam por uma transformação desses sentimentos e começam a se ver enquanto educadores. Essas mudanças começam, possivelmente, a partir das conversas com os colegas, das leituras e discussões em sala de aula, sob a orientação de um professor, ou dos relatos dos colegas que, talvez, já lecionem. Nesses momentos de conversa, os licenciando expõem suas ideias e trazem o cotidiano das escolas para as universidades, prevalecendo o ponto de vista que cada um tem da realidade da escola e, conseqüentemente, da educação.

O processo de formação do professor é contínuo, inicia-se antes mesmo do curso de graduação, nas interações com os atores que fizeram e fazem parte de sua formação. E este processo sofre influência dos acontecimentos históricos, políticos, culturais, possibilitando novos modos de pensar e diferentes maneiras de agir perante a realidade que o professor está inserido (PASSERINI 2007, p. 18).

Esses momentos de interação tornam-se mais frequentes a partir do momento que iniciam o estágio. Agora, os alunos-estagiários levarão para as salas de aula os conhecimentos teóricos adquiridos na universidade e os pontos de vista dos autores; passarão a confrontar teoria e realidade e, ao retornarem à universidade, socializarão as experiências, farão críticas ao sistema e manifestarão possíveis soluções.

Os estudos de Gatti e Barreto (2009) ressaltam que apesar das mudanças ocorridas nos cursos de formação docente, em especial, na estruturação do currículo, como forma de atender as exigências da Resolução CNE/CP nº 1, 2002, a constatação no estudo citado

é de que há uma insuficiência formativa, na medida em que os currículos dos cursos não conseguem trabalhar com profundidade questões da prática profissional, seus fundamentos metodológicos e formas de trabalhar na sala de aula, bem como a falta de domínio dos conteúdos básicos das áreas específicas do conhecimento.

De acordo com Fiorentini, Souza e Melo (1998), as pesquisas sobre ensino e formação de educadores priorizam o estudo de aspectos políticos e pedagógicos amplos, sendo os saberes escolares e os saberes docentes muito pouco valorizados e raramente problematizados ou investigados, tanto pela pesquisa acadêmica educacional como pelos programas de formação dos educadores.

Pimenta e Lima (2004) abordam que o estágio é a parte prática dos cursos de formação de profissionais e que muitos cursos, na sua grade curricular, dão ênfase a um aglomerado de disciplinas isoladas entre si, sem articular a teoria e a prática, como saberes que se complementam. E mais, para as disciplinas teóricas há uma carga horária maior que para as práticas, tornando assim o estágio burocrático - “estágio à distância”. Portanto, de acordo com Pimenta e Lima “o estágio tem de ser teórico-prático, ou seja, que a teoria é indissociável da prática” (2004, p. 34). Porém, para concebermos essa ideia, precisa-se entender o conceito de prática e de teoria a partir do conceito de práxis, “que aponta para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos educadores, dos alunos e da sociedade” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 34).

Na relação teoria-prática se manifestam os problemas e contradições da sociedade em que vivemos que, como sociedade capitalista, privilegia a separação trabalho intelectual - trabalho manual e, conseqüentemente, a separação entre teoria e prática (CANDAU & LELIS, 1999).

A separação, e mesmo oposição, entre teoria e prática é frequentemente denunciada pelos educadores, ao mesmo tempo em que é explicitado o desejo de buscar novas formas de relacionamento entre estas duas dimensões da realidade. A visão de unidade expressa à síntese superadora da dicotomia entre teoria e prática, sendo condição fundamental para a busca de alternativas na formação do educador. Nesta alternativa, Savani (1996) afirma que “a teoria exprime interesses, objetivos e finalidades, se posicionando a respeito de qual rumo a educação deve tomar”. Neste sentido, a teoria não é apenas retratadora ou constatadora do existente, é também orientadora de uma ação que permita mudar a realidade. Quanto à prática educacional, ela é sempre o ponto de partida e o ponto de chegada.

Entretanto, o que se observa na maioria dos cursos de preparação de docentes é que se prioriza a visão dissociativa (SANTOS, 1992). Segundo Schon, (1982) o processo de formação de profissionais, inclusive o de professores, sofre grande influência do “modelo da racionalidade técnica”, no qual a atividade profissional é sobretudo instrumental, dirigida para a solução de problemas, mediante a aplicação rigorosa de teorias e técnicas científicas fornecidas pelos pesquisadores. Esse modelo está presente nas relações entre pesquisa e prática e também nos currículos da educação profissional.

Já Candau & Lelis (1999) afirmam que por um lado, está à tendência a enfatizar a formação teórica, estimulando o contato com os autores considerados clássicos sem se preocupar em modificar ou fornecer instrumentos para a intervenção na prática educacional. Em contrapartida, o foco pode estar na formação prática, admitindo-se que esta tem sua lógica própria, que independe da teoria. Neste caso, a prática é esvaziada da teoria, daí a ênfase nas disciplinas instrumentais, sem a preocupação com sua articulação com as disciplinas consideradas teóricas.

No interior do debate sobre a formação educadores, vão sendo aprofundados os problemas crônicos enfrentados pelas instituições formadoras: falta de articulação entre teoria e prática educacional, entre formação geral e formação pedagógica, entre conteúdos e métodos (LELIS, 2001). Pensando alternativas para o curso de licenciatura, Candau (1997) defende o primado do conteúdo específico sobre o conteúdo pedagógico. A formação básica de todo e qualquer professor se dá pelo domínio do conteúdo específico, a partir do qual é possível construir a competência pedagógica. Enquanto as unidades específicas não assumirem como responsabilidade própria a participação na formação de professores, as unidades de educação terão que arcar com essa deficiência. O que Candau (1997) propõe é uma nova concepção e uma reestruturação das relações de poder presentes na licenciatura, assumindo a necessidade de haver uma colaboração mútua entre as unidades específicas e de educação. Essa tomada de posição revela a importância de se investir no saber disciplinar, sem o qual não se efetiva a atividade de construção do conhecimento.

Nos trabalhos de Paulo freire, ressalva a formação permanente sendo entendida como reflexão crítica sobre a prática que, problematizada, com a intenção de se conhecer e compreender suas múltiplas determinações e relações é também ponto de chegada da ação formativa transformadora. Freire (1996, p. 39) ressalta que: “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a

prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

A partir dessa reflexão destacam-se, também, algumas questões e dificuldades que ainda precisam ser mencionada. Algumas delas apontam a necessidade de que haja maior apoio das equipes gestoras para práticas formativas que ousem desafiar os limites do que é estabelecido por programas autoritários de formação de professores, pela cultura das instituições de formação ou mesmo pela política oficial. É consenso nos estudos a necessidade do fortalecimento de políticas democráticas de formação docente, que viabilizem ações contra hegemônicas nas escolas e em outras instituições formadoras, impulsionando a luta dos educadores por condições mais dignas de trabalho e por uma educação de melhor qualidade para todos. Por fim, os educadores devem assumir-se como sujeitos de sua formação, mantendo uma postura crítica e curiosa diante dos desafios que se colocam no cotidiano escolar, sem, com isso, negar as condições desfavoráveis a que muitos deles estão submetidos, a exigência de que o trabalho de formação seja desenvolvido no coletivo e atribuir à formação um poder absoluto de transformação da educação.

2.2 A DOCÊNCIA

Segundo Bianchi, Alvarenga (2008) o estágio é o período de estudos práticos para aprendizagem, experiência e envolve supervisão, revisão, correção e exame cuidadoso. Dessa maneira, o estágio curricular, cuja finalidade é integrar o processo de formação do aluno, futuro profissional, de modo a considerar o campo de investigação e de interpretação crítica, a partir dos nexos com as disciplinas do curso (PIMENTA, 2012).

Um ponto importante citado por Pimenta e Lima (2012) é com relação a perspectivas e dificuldades do estágio para quem não é professor: Os conhecimentos e as atividades que constituem a base formativa dos futuros professores têm por finalidade permitir que estes se apropriem de instrumentais teóricos e metodológicos para a compreensão da escola, dos sistemas de ensino e das políticas educacionais. Essa formação tem por objetivo preparar o estagiário para realização de atividades na escola, com os professores na sala de aula, bem como para o exercício de análise, avaliação e crítica que possibilite a proposição de projetos de intervenção a partir dos desafios e dificuldades que a rotina do estágio nas escolas revela.

Com isso Pimenta e Lima (2012) também apresentam alguns indicativos de aprendizagens que podem ajudar o projeto de estágio em escolas para os alunos que não

são professores podemos destacar: as aprendizagens do projeto político pedagógico, a dinâmica interativa, aprofundamento, as aprendizagens em sala de aula e a relação teoria e prática. A atenta observação e investigação podem abrir um leque de outras questões sobre o cotidiano escolar em que o estagiário, ao fazer sua investigação, pode aprender a profissão docente e encontrar elementos na formação de sua identidade (PIMENTA E LIMA, 2008).

A docência prevalece de muitas interpretações que são ditas por diversos autores de maneira prática o exercício do professor, com isso, é sempre observado a grande destaque aos meios que o professor deve tomar enquanto na profissão docente.

Com tudo que foi apresentado pelos autores, podemos perceber que a docência vai além de simplesmente “dar aula”, existe um contexto de metodologias de ensino, de acordo com o objetivo que se quer alcançar, tornar efetivos o ensino-aprendizagem de educadores e educandos, proporcionando o interesse em busca de novos conhecimentos. Porém a prática docente não é tão simples, seja os estudantes que não contribuem para construção do conhecimento ou do educador que não busca mais do que é passado no currículo, pode ser culpa de ambas as partes, são situações que são observadas na sala de aula, por isso é necessário o diálogo e relações de educando - educador e educador – educando para uma efetiva construção do conhecimento.

Pimenta (2006) ensina que o professor pode, com sua atividade docente, se transformar a si mesmo e também mudar a sociedade circundante. Para tanto, não se pode prescindir de uma postura crítica. Pimenta e Lima (2010) asseveram que o professor, em sua ação docente, precisará recorrer ao conhecimento da área na qual é especialista, ao conhecimento pedagógico e ao conhecimento do sentido e significado da Educação na perspectiva da formação humana.

É preciso levar em conta a noção de que a prática pedagógica docente é objeto dos reflexos da sociedade e das exigências das instituições, pois, ao mesmo tempo em que o professor vive uma corrida em busca de melhores condições de trabalho, falta-lhe tempo para a leitura e a preparação das aulas.

A ressignificação das práticas e teorias pressupõe que o professor saia do campo teórico e desenvolva uma visão crítico-reflexiva da realidade sócio educacional em que está inserido. Nessa direção, o estágio para a docência pode se constituir como oportunidade de formação do professor-pesquisador, no exercício de aliar ensino-pesquisa, um diferencial nas práticas de sala de aula. (PIMENTA, 2002).

2.3 OS SABERES DOCENTES

Na obra *Pedagogia da autonomia: saberes necessários para uma prática educativa* Freire explica suas razões para analisar a prática pedagógica do professor em relação à autonomia de ser e de saber do educando. Enfatiza a necessidade de respeito ao conhecimento que o aluno traz para a escola, visto ser ele um sujeito social e histórico, e da compreensão de que "formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas" (FREIRE, 1996 p. 9). Define essa postura como ética e defende a ideia de que o educador deve buscar essa ética, a qual chama de "ética universal do ser humano" (FREIRE, 1996 p. 7), essencial para o trabalho docente.

Já para Pimenta (1998), classifica três saberes necessários ao exercício da docência, isto é: 1) saberes da experiência, que dizem do modo como nos apropriamos do ser professor em nossa vida; 2) saberes da área do conhecimento, conhecimentos específicos, conhecimentos científicos, pois ninguém ensina o que não sabe e; 3) saberes pedagógicos, saber pedagógico e saber didático, isto é, a relação professor-aluno, a importância da motivação e do interesse dos alunos no processo de aprendizagem, as técnicas ativas de ensinar etc.

Para Shulman (2005, p. 5), o "conhecimento" sobre a "docência" é aquilo que os "professores deveriam saber, fazer, compreender ou professar para converter o ensino em algo mais que uma forma de trabalho individual e para que seja considerada entre as profissões prestigiadas"; enquanto que para García (1992, p. 1), é o conjunto de "conhecimentos, destrezas, atitudes, disposições que deverá possuir um professor do ensino".

Segundo Shulman (1987) as categorias da base de conhecimentos do professor são no mínimo sete: 1) conhecimento do conteúdo; 2) conhecimento pedagógico (conhecimento didático geral), tendo em conta, especialmente, aqueles princípios e estratégias gerais de condução e organização da aula, que transcendem o âmbito da disciplina; 3) conhecimento do *currículo*, considerado como um especial domínio dos materiais e os programas que servem como "ferramentas para o ofício" do docente; 4) conhecimento dos alunos e da aprendizagem; 5) conhecimento dos contextos educativos, que abarca desde o funcionamento do grupo ou da aula, a gestão e financiamento dos distritos escolares, até o caráter das comunidades e culturas; 6) conhecimento didático do conteúdo, destinado a essa especial amalgama entre matéria e pedagogia, que constitui uma esfera exclusiva dos professores, sua própria forma particular de compreensão

profissional; 7) conhecimento dos objetivos, as finalidades e os valores educativos, e de seus fundamentos filosóficos e históricos (SHULMAN, 2005, p. 11).

Saber que a docência exige mais que o domínio do conteúdo específico da área, significa compreendê-la enquanto profissão que requer técnicas, bases e conhecimentos específicos acerca do seu fazer. Assim, partimos da ideia de que não basta o conhecimento específico da disciplina ensinada para ser um bom professor, mas também a compreensão da docência enquanto uma profissão que requer, além desse conhecimento, todos os demais que orientam como ser e estar na profissão; como lidar com as distintas abordagens que envolvem o fazer docente (GHEDIN, ALMEIDA e LEITE, 2008).

3. ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO

3.1 ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO I (ECO – I)

a) DIAGNÓSTICO DA ESCOLA

A instituição de ensino para a realização do diagnóstico é o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco campus Vitória de Santo Antão localizada na propriedade Terra Preta, s/n - Zona Rural, Vitória de Santo Antão - PE, 55600-000.

b) CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

O *Campus* Vitória de Santo Antão apresenta características da educação formal, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica em diferentes modalidades de ensino; como a educação superior com os cursos de Bacharelado em Agronomia e Licenciatura em Química; educação técnica (para quem já concluiu o ensino médio) com cursos de Agroindústria, Agricultura, Zootecnia e Agropecuária, e ensino médio para quem não concluiu, podendo fazer o curso técnico com o ensino médio integrado; e PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos).

O campus foi criado em 2 de junho de 1954 com o nome de Escola de Magistério de Economia Rural Doméstica, vinculado ao ministério da agricultura. Em 1962, a instituição passou a se chamar de Colégio de Economia Doméstica Rural, cuja finalidade era ministrar cursos agrícolas de 1º e 2º ciclos e cursos de aperfeiçoamento. Em 1967, o colégio passou por mudanças adotando a metodologia de escola-fazenda, que se baseava no princípio “Aprender a Fazer” e “Fazer para Aprender”, onde eram realizadas no centro acadêmico de Vitória (CAV) na UFPE (PDI, 2015). Em 1979, o colégio foi transferido

para uma propriedade rural da cidade, onde recebeu a denominação de Escola Agrotécnica Federal de Vitória de Santo Antão, com a introdução do curso de Agropecuária, assim iniciando as práticas do sistema de escola-fazenda. Devido ser reconhecida, historicamente, no ensino agrícola e veterinário pela população vitoriense e demais municípios, ainda hoje a escola é chamada, popularmente de “agrotécnica” ou “Agro”, demonstrando importância agrícola na região.

Em 1993, a SEMTEC (Secretaria de Educação Média e Tecnológica) estabeleceu as políticas educacionais para ensino técnico federal. Em 1997, foi implantado o curso técnico em Agroindústria (PDI, 2015). Em 2001, devido a reformas na educação do país, a instituição passou a oferecer o ensino médio vinculado ao ensino profissional com os cursos de agricultura, agroindústria, agropecuária e zootecnia em regime modular. A partir de 2008, a escola agrotécnica passou a se chamar de Instituto Federal de Pernambuco.

A escola está localizada na região da Mata Sul Pernambucana, onde sua população é predominantemente urbana com baixa taxa de crescimento devido ao fluxo migratório em direção aos grandes centros urbanos. Sua economia é majoritariamente agrícola, tendo como base a produção de cana-de-açúcar e produtos derivados, como o açúcar, o álcool, o melão e a aguardente, bem como destacam-se no plantio de frutas, verduras e hortaliças, abastecendo o estado de Pernambuco (PDI, 2015).

O processo seletivo para o ingresso de alunos nos cursos Técnicos e Superiores é através do Vestibular Unificado do IFPE, que geralmente acontece entre os meses de outubro e dezembro. Metade das vagas é destinada a estudantes oriundos da rede pública de ensino, que podem optar no momento da inscrição, pela cota social, racial ou agrícola, está destinada a jovens entre 15 a 30 anos, com exceção dos cursos de PROEJA que apresenta estudantes idosos, oriundos da zona rural ou urbana. Os educadores possuem um perfil diversificado correspondendo a doutorado, mestrado e especialização devido à integração do ensino superior, subsequente e ensino médio, podendo os educadores atuar em qualquer ensino dependendo da disciplina. O turno de funcionamento dos cursos acontece pela manhã e tarde em todos os cursos, com exceção do curso de licenciatura em química e PROEJA que apenas funciona no turno da noite. O setor administrativo funciona nos três turnos.

O *Campus* Vitória possui área de 140 hectares com uma complexa estrutura física e pedagógica que inclui: 35 salas de aulas; 02 auditórios; biblioteca; refeitório; alojamentos; ginásio poliesportivo; salas de jogos/dança; academia de musculação; 12

unidades educativas de produção dentre os quais temos: bovinocultura, avicultura, suinocultura e caprinocultura, produção de mudas, PAIS (programa agroecológico integrado sustentável – APÊNDICE A), UDPA (unidade de desenvolvimento produtivo agroecológica); 13 laboratórios (03 laboratórios de informática, 01 laboratório de físico-química, 01 laboratório de microbiologia, 01 fertilidade química do solo, química geral, física e conservação do solo, fitopatologia, gêneses e geologia, sementes, ecologia e botânica, e entomologia). No campus está em construção o prédio dos cursos superiores, na qual compreende 11 salas de aulas, 09 laboratórios, 10 gabinetes dos professores, 01 sala dos professores, 01 copiadora, 01 sala de reuniões, 01 sala do diretório acadêmico e 01 cantina.

Atualmente, o IFPE *Campus* Vitória conta com o número de docentes de 97 educadores; 90 técnicos administrativos; com um total de 1065 estudantes, sendo 140 residentes, 454 semimoradores e 74 republicanos; onde destes 608 recebem bolsa permanência e 07 recebem auxílio eventual de 01 salário mínimo; 32 estudantes têm concessão de refeição de projetos ou estágios, 44 turmas de alunos de todos os cursos. Sobre os estudantes de agronomia são 139 (35 residentes, 16 semimoradores e 46 republicanos) do qual destes 15 tem concessão de refeição. A Instituição também possui convênios de cooperação técnica e parcerias com diversos órgãos e instituições de ensino, pesquisa, extensão e produção, visando seu aperfeiçoamento técnico e pedagógico, encaminhando alunos para estágios e alocação de egressos no mercado de trabalho. Hoje, o *campus* atende não só à população vitoriense, mas também cerca de quarenta cidades, além de possuir alunos oriundos de outros estados brasileiros.

c) PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

O PPP é a expressão da identidade da instituição. Nele, os atores sociais, participantes do processo de reconstrução das práticas sociais cotidianas, devem realizar conjuntamente a leitura da realidade em que estão imersos, definir sua filosofia educacional, a concepção de pessoa, de sociedade, currículo, planejamento, avaliação e outras concepções e princípios que devem nortear o cotidiano da instituição.

Como objetivo ressalta os caminhos possíveis para a construção de um projeto político-pedagógico ao mesmo tempo em que a Comissão de Finalização do PPPI faz suas sugestões e recomendações necessárias a um novo processo de revisão, reelaboração e reconstrução. Entende-se que só através do diálogo, da democracia, da unidade em

busca de alcançar os objetivos comuns e do embate de ideias pode-se sentir pertencente a um processo coletivo de decisões.

O IFPE articula entre a sociedade, educação e trabalho, mantendo o diálogo permanente com as instâncias da sociedade civil organizada, tendo em vista práticas educativas voltadas para a inclusão, diversidade e cidadania, visando garantir a inserção da instituição na construção do processo educacional das regiões, através da participação em conselhos, congressos, fóruns e conferências. Dessa forma, estabelece uma rede de cooperação entre o IFPE e as redes estadual e municipal de ensino para o apoio às atividades de estágio e à troca de experiências na formação continuada do corpo docente, oferecendo, como contrapartida, ações de integração da família e da comunidade local na comunidade acadêmica.

A construção do Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI) teve participação dos segmentos da comunidade escolar com uso de metodologias participativas, na qual permitiu que as pessoas contribuíssem com as suas experiências e indicassem um novos caminhos, possibilidades e propostas de ação. A missão do IFPE é promover a educação profissional, científica e tecnológica em todos os seus níveis e modalidades, fundamentada no princípio da indissociabilidade das ações de ensino, pesquisa e extensão, comprometida com uma prática cidadã e inclusiva, de modo a contribuir para a formação integral do ser humano e para o desenvolvimento sustentável da sociedade (PDI, 2015).

Na construção do PPP foram realizados inicialmente Fóruns Temáticos e, posteriormente, Conferências. O presente documento foi construído a partir da constituição de quatro comissões: Coordenação Geral Responsável pela Articulação da Construção do PPPI (Portaria nº 420/2009), Comissões Locais (por *campi*), Comissão Responsável pela Conferência do Projeto Político Pedagógico do IFPE (Portaria nº 258/2010) e Comissão para Finalização do Documento referente ao PPPI (Portaria nº 1.265/2010) (PDI, 2015).

Em junho de 2009, os Fóruns Temáticos deram início ao processo de construção do documento, de que participaram quatro categorias de representatividade dos *campi*, conforme o Regimento Interno dos Fóruns de Construção da Conferência do PPPI do IFPE: integrantes das comissões dos *campi* e coordenação-Geral; Delegados dos *campi* (docentes discentes e técnicos administrativos); convidados; ouvintes. Os Fóruns Temáticos foram organizados em grupos de trabalho, onde os eixos temáticos que orientaram os fóruns destacam-se os seguintes temas: Papel do Estado na garantia do

direito à educação de qualidade; Organização e regulação da educação nacional; Qualidade da educação, gestão democrática e avaliação; Democratização do acesso, permanência e sucesso escolar; formação e valorização dos profissionais da educação; financiamento da educação e controle social, Justiça social, educação e trabalho: inclusão, diversidade e igualdade (PDI, 2015).

O Plano Nacional de Educação, Diretrizes e Estratégias de Ação, proferida no II Fórum, apontou a importância da construção do PPPI como espaço dialogado de compreensões, respeitando as diversidades em benefício de uma educação de qualidade social ressaltando a Igualdade, a Diversidade e a Justiça Social como princípios norteadores da Organização Institucional.

Na Conferência Nacional de Educação CONAE realizada em 2010, elabora para discussão da pauta os seguintes eixos: EIXO I: Papel do Estado na Garantia do Direito à Educação de Qualidade: Organização e Regulação da Educação Nacional; EIXO II: Qualidade da Educação, Gestão Democrática e Avaliação; EIXO III: Democratização do Acesso, Permanência e Sucesso Escolar; EIXO IV: Formação e Valorização dos Profissionais da Educação; EIXO V: Financiamento da Educação e Controle Social; EIXO VI: Justiça Social, Educação e Trabalho: Inclusão, Diversidade e Igualdade (PPPI, 2012).

Na avaliação do PPPI articula com as singularidades dos diversos *campi* que formam o IFPE, considerando as especificidades locais e regionais. As propostas e ações são construídas coletivamente à existência de um compromisso de todos a respeito dos princípios que vão orientar o trabalho educativo, considerando sua especificidade. Sendo assim, este documento nos orienta para as propostas e ações presentes nele com o objetivo de que seja avaliado periodicamente e desdobrado em projetos, levando-se em conta a missão e a função social do instituto. Portanto, o PPPI do IFPE constitui-se na construção contínua de um projeto de sociedade e de educação (PPPI, 2012).

Nessa perspectiva, a metodologia aplicada ao PPPI foi construída e vivenciada com base na representação participativa dos segmentos do IFPE, favorecendo a capacidade de delineamento da identidade escolar. Isso significou resgatar “a escola como espaço público, lugar de debate, do diálogo, fundado na reflexão coletiva” (VEIGA, 2004). Com isso, a função social do documento promove uma educação pública de qualidade, gratuita e transformadora, que atenda às demandas sociais, impulsionando, assim, o desenvolvimento socioeconômico, considerando uma formação para o trabalho a partir de uma relação sustentável com o meio ambiente. Para tanto, deve proporcionar

condições igualitárias de êxito a todos os cidadãos que constituem a comunidade do IFPE, visando à inserção qualitativa no mundo socioambiental e profissional, fundamentado em valores que respeitem a formação, a ética, a diversidade, a dignidade humana e a cultura de paz (PPPI, 2012).

d) GESTÃO

A administração do Instituto Federal de Pernambuco é exercida pela Reitoria, sendo o órgão executivo da administração superior que planeja, coordena, supervisiona e controla todas as atividades do Instituto e seu Reitor (a) estabelece as diretrizes que serão seguidas por todos os *Campi*, polos e pelas Pró-Reitorias, por meio de seus atos normativos e das resoluções e deliberações dos fóruns colegiados.

Os órgãos executivos da Reitoria do IFPE, distribuídos pelos níveis de sua estrutura, são os seguintes: Gabinete; Auditoria Interna; Procuradoria Federal; Ouvidoria Geral; Pró Reitorias: a) Pró-Reitoria de Ensino, b) Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, c) Pró-Reitoria de Extensão, d) Pró-Reitoria de Administração e) Pró-Reitoria de Integração e Desenvolvimento Institucional; Diretorias Sistêmicas; Departamento de Obras e Projetos de Engenharia; Assessorias; Direção Geral dos Campi (Reitor(a)).

A estrutura gerencial do campus Vitória é organizada da seguinte maneira: **Diretor (a) geral do campus** (gabinete, assessoria, secretaria do gabinete, pesquisador institucional, Unidade de processamento de dados); **Departamento de desenvolvimento educacional** (coordenação geral de ensino, coordenação de supervisão pedagógica, coordenação de integração escola-comunidade, seção de cursos técnicos especiais, setor de registros escolares, setor de biblioteca, coordenação de projetos, coordenação geral de produção e pesquisa, seção de zootecnia, seção de agricultura, seção de agroindústria, coordenação geral de atendimento ao educando, seção de acompanhamento ao educando, setor de alimentação e nutrição, setor de orientação educacional setor de esportes, lazer e artes); **Departamento de administração e planejamento** (Coordenação Geral de Administração e Finanças, Coordenação de Execução Orçamentária e Financeira, Coordenação de Serviços de Apoio, Setor de Patrimônio, Setor de Almoxarifado, Setor de Transporte e Vigilância, Setor de Compras, Coordenação Geral de Recursos Humanos, Setor de Cadastro e Pagamento, Setor de Capacitação de Recursos Humanos; Órgãos colegiados; **Órgão representativo; Conselho superior e conselhos dirigentes; Comissão Interna de Supervisão da Carreira dos Técnico-Administrativos em**

Educação (ouvidoria, diretórios acadêmicos, comissão de ética, grêmios estudantis, conselho escolar).

A gestão apresenta parcerias com a comunidade, sendo articuladas através das Diretorias ou Divisões de Extensão do campus e ocorrem nos formatos de convênios para oferta de estágios e de acordos de cooperação técnica. Esta Diretoria ou Divisão articula também programas de inclusão social com os conselhos comunitários, prefeituras e entidades representativas da sociedade civil organizada.

Para toda política educacional é necessária que se realize uma avaliação das ações desenvolvidas para que se possa identificar as possíveis falhas e corrigir os erros, pois dessa forma, a avaliação contribui a uma boa gestão, revisão as ações e propondo novas melhorias. Nesse contexto, fundamentado na Lei do SINAES (Lei nº 10.861/04), cuja finalidade delineada à avaliação institucional é de analisar, oferecer subsídios, fazer recomendações, propor critérios, para a melhoria da qualidade da educação superior, a orientação da expansão da sua oferta, o aumento permanente da sua eficácia institucional e efetividade acadêmica e social. A Comissão Própria de Avaliação (CPA) é responsável por propor, por meio do seu Projeto de Avaliação Institucional, desenvolver novas estratégias para a reformulação dos processos e políticas de avaliação da Educação Superior no IFPE, sendo revisado a cada três anos. A CPA funciona de forma independente, onde cada campus apresenta o projeto de avaliação institucional, já que cada campus possui suas particularidades.

Segundo o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, para cumprir a sua função social, o IFPE, além de atuar na formação de jovens, busca refletir sobre o seu papel como Instituição pública, contribuindo diretamente para o processo de transformação e inclusão social, e para o desenvolvimento de uma política de sustentabilidade.

e) AÇÃO EDUCATIVA

A busca por desenvolver ações que reafirmam o comprometimento com a transformação da sociedade brasileira em direção à construção da cidadania por meio da justiça, solidariedade e democracia, isso apenas obtêm êxito através do diálogo das ciências, do ensino e da aprendizagem, entre educandos e docentes, entre estudantes e técnicos administrativos, enfim, entre os educadores, para atuarem de forma trans e interdisciplinar, busca atenuar os desafios do cotidiano escolar, da vida e das profissões.

As práticas pedagógicas privilegiam como procedimento metodológico, compatível com uma prática formativa, contínua e processual, na sua forma de instigar seus sujeitos a procederem com investigações, observações, confrontos e outros procedimentos decorrentes das situações-problema propostas e encaminhadas. A perspectiva é de consolidação da cultura de Pesquisa, individual e coletiva, como parte integrante da construção do ensino e aprendizagem (PDI, 2015).

Visando à plena realização dessa abordagem metodológica, a prática docente deve desenvolver os componentes curriculares de forma inovadora, para além da tradicional exposição de conteúdo, apoiada por materiais didáticos e equipamentos adequados à formação pretendida. As práticas pedagógicas devem ser amplamente discutidas com a

equipe pedagógica (Diretor Geral, Diretor de Ensino, Coordenadores de Curso, pedagogos e docentes) de cada curso, segundo as atribuições definidas no Estatuto deste

Instituto e nos Regimentos, já que o ensino não pode ser utilizado como objeto de reprodução do conhecimento, mas que o aluno deve aprender a aprender e não apenas ser um receptor passivo de informações unilaterais, sendo necessária uma nova ação docente.

Dessa forma, o IFPE por meio de uma diversidade de projetos vinculados ou não a programas da rede pública ou privada sobre diferentes áreas de abrangência: Tecnológica; saúde; sociais; culturais, artísticos e esportivos; ambientais; pedagógicos, institucional; ensino, pesquisa e extensão, obras e infraestrutura; trabalho. Com tudo isso, o IFPE possui a responsabilidade de colaborar para a reversão do atual quadro de vulnerabilidades sociais, através da oferta de Educação Profissional e Tecnológica em diversos níveis, assim como da realização de projetos voltados à construção e difusão de novas tecnologias, para favorecer a geração de trabalho, a melhoria das condições de empregabilidade e o aumento da renda dos trabalhadores rurais e urbanos e de suas famílias, sobretudo, através da realização de atividades de extensão e ações comunitárias, no sentido de colaborar para o desenvolvimento econômico e para a inclusão social, observando, nesse processo, a diversidade característica da sociedade brasileira, aprofundando o conceito de cidadania (PDI, 2015).

3.1.1 Laboratório de Ensino em Nível Técnico Profissional (EC-I)

Para o estagiário, a experiência de poder exercitar a prática pedagógica antes de lecionar de fato, é fundamental para conhecer qual o público e o ambiente de atuação, isso promove a melhoria do ensino e aprendizado do educador em formação. Segundo Imbernon (2001), crescer é ter acesso a informações, é ter atitude fazendo o aluno

participar, é ser cidadão. Para isso é preciso conhecer os alunos, a comunidade interna e externa da escola são fatores que melhoram a qualidade do trabalho do educador, pois quando o professor conhece a realidade consegue elaborar melhor a sua prática de sala de aula e obter mais sucesso no seu trabalho.

A metodologia utilizada para a realização dos laboratórios de ensino foi discutida e direcionada em sala de aula, assim, cada estudante constrói um plano de aula de um conteúdo de sua preferência, em seguida é apresentado, uma simulação de aula, o plano para a turma de licenciatura em ciências agrícolas do 4º período, com duração de 40 minutos cada laboratório. No final da apresentação, os demais estudantes e a orientadora avaliaram o desempenho da aula. Os planos de aula relativos aos laboratórios de ensino aqui mencionados estão nos anexos ao final do relatório

- a) Laboratório de Ensino: Aula ministrada por Adriana Miranda em 08 de janeiro de 2018

Tema: ARBORIZAÇÃO URBANA

De acordo com o plano de aula (ANEXO A), todos os requisitos foram atendidos a princípio da recomendação de elaboração do plano de aula, dos conteúdos a serem abordados, objetivos, metodologia e avaliação. Algo interessante a se notar é a mística que inicia a aula, com o objetivo de tornar mais participativa e interativa no decorrer da exposição do tema escolhido.

- b) Laboratório de ensino: aula ministrada por Alexandra de Paula em 08 de janeiro de 2018

Tema: ZOONOSE

Ao observar o plano de aula (ANEXO B), apresenta estrutura de acordo com a recomendada, com detalhamento do conteúdo para compreensão do público, porém com algumas ressalvas. A escolha do conteúdo torna-se impactante logo na primeira leitura, já que é um tema pouco explorado no técnico agropecuário, na qual observo a exposição do conteúdo da Zoonose (Esporotricose) é um tema mais voltado para a área da medicina veterinária, já que aborda a identificação e tratamento da doença. O conteúdo é um pouco mais aceito no técnico em zootecnia, pois esse curso visa a elaboração, aplicação e monitoria de programas de manejo preventivo, incluindo o higiênico e sanitário na produção animal (IFRN, 2012), porém a função do conhecimento da caracterização patológico da doença é da medicina veterinária, já que na zootecnia são abordados as

doenças mais relevantes, historicamente, na criação animal de interesse para o manejo preventivo.

c) Laboratório de ensino: aula ministrada por Lindovaldo Leão em 22 de janeiro de 2018
Tema: COMPOSTAGEM

Ao observar o plano de aula (ANEXO C), notamos que não segue o recomendado, já que o texto apresenta confusão na ordem das ideias proposta na elaboração do plano, principalmente para o público alvo que é o agricultor (a) familiar. Na apresentação a forma de demonstração dos slides tornou-se pouco atrativo para o público devido à falta de imagens e ilustrações. Na exposição do assunto, demonstra domínio do assunto, realizando questionamentos para o público, e demonstração de vídeo sobre a construção da compostagem. O conteúdo abordado nos slides era desconectado da vivência do agricultor, apresentando palavras difíceis para compreensão, seguindo um modelo tecnicista. Esse modelo não é benéfico ao agricultor (a), pois restringe a possibilidade de diálogo e de participação, considerando a comunicação apenas um meio de transmissão de informações (BORDENAVE, 1988).

d) AUTOAVALIAÇÃO

Laboratório de ensino: aula ministrada por Ricardo Torres em 22 de janeiro de 2018
Tema: VERMICOMPOSTAGEM

O plano de aula (APÊNDICE B) apresenta estrutura recomendada para melhor entendimento e compreensão dos conteúdos propostos. Na exposição do tema houve bom domínio do conteúdo, entrega de folder para auxílio do entendimento da aula, porém houve algumas ressalvas com a falta de uma proposta prática para construção do vermicomposto, ao final da apresentação não houve uma avaliação da exposição e o tempo proposto não foi atingido restando 10 minutos, que poderia ser utilizado para a avaliação.

3.1.2 Importância do laboratório de ensino para minha formação docente

Esses laboratórios de ensino contemplam uma avaliação individual e coletiva da prática de ensino, preparando os futuros professores. No geral, permitem que haja uma quebra do ensino tradicional observado no meio acadêmico, porém passo a passo vamos construindo uma didática própria, sensibilizando o olhar para observar, avaliar e melhorar o nosso desempenho em sala de aula.

3.1.3 Dificuldades encontradas nos semestres

As dificuldades encontradas foram um semestre onde as instituições estavam em período de recesso o que dificultou a elaboração do diagnóstico.

Outra dificuldade foi com o tempo de apresentação dos laboratórios, pois o tempo estipulado pela professora foi muito curto (10 minutos) para abordar temas que exigem muito mais tempo, pelo menos o tempo normal de uma aula até cinquenta minutos.

Além disso acredito que diversificar e trazer, mas conteúdos para as avaliações dariam uma base didática melhor aos docentes.

3.2 ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO II (ECO – II)

3.2.1 Laboratório de ensino em nível técnico profissional (EC-II)

Esse capítulo tem como foco a descrição das observações dos laboratórios de ensino realizados em sala de aula na UFRPE.

a) Laboratório de ensino: aula ministrada por Jasiel Lima em 19 de junho de 2018

Tema: PISCICULTURA

O tema abordado foi Introdução a Piscicultura da disciplina Piscicultura (Anexo D). A aula foi preparada para a turma do 4º período do Curso técnico em agropecuária e foi realizada no dia 19 de junho de 2018.

De acordo com o relato dos colegas que estavam presente, pois não foi possível comparecer nesse dia. A aula iniciou com uma sondagem sobre os conhecimentos prévios dos estudantes. Em seguida apresentou slides com a explicação de suas perguntas e um breve histórico sobre piscicultura, diferenciar piscicultura continental e costeira, visualizar dois tipos de sistema integrado de criação e observar espécies cultivadas no Brasil. A aula foi expositiva com apresentação de slide e dialogada a medida do possível; o professor apresentou domínio no conteúdo trabalhado em sala, fez com que os alunos interagissem na medida do possível. Com relação ao objetivo foi dentro do proposto, assim como a metodologia e o material didático utilizou na medida do possível.

b) Laboratório de ensino: aula ministrada por Alexandra de Paula em 26 de junho de 2018

Tema: MÉTODOS DE CONTENÇÃO FÍSICA DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS

O tema abordado foi Métodos de contenção física dos animais domésticos da disciplina Semiologia animal (ANEXO E). A aula foi preparada para a turma do 3º período do Curso técnico em agropecuária e foi realizada no dia 26 de junho de 2018.

A aula foi apresentada em forma de slides e amostra de alguns objetos utilizados na contenção físico animal. A aula teve um início bem curto que poderia sondar os conhecimentos dos estudantes. A professora apresentou todos os conteúdos, assim como os objetivos mencionados no plano de aula, porém a exposição foi simples onde para explorar mais os conteúdos e as imagens com outros exemplos e situações. A metodologia deixou a desejar nos conhecimentos prévios e também na aula dialogada que a professora poderia provocar mais os estudantes com perguntas. O uso dos slides facilitou a compreensão do conteúdo, assim como os objetos presentes na mesa. A didática utilizada em desenhar uma contenção animal no papel foi interessante, porém como citado anteriormente, faltou explorar mais o resgate desse conhecimento.

- c) Laboratório de ensino: aula ministrada por Diógenes Virgínio em 24 de julho de 2018

Tema: PROPAGAÇÃO VEGETAL

O tema abordado foi Propagação vegetal da disciplina de práticas agrícolas e produção de mudas (ANEXO F). A aula foi preparada para a turma do Curso técnico em agropecuária e foi realizada no dia 24 de julho de 2018.

A aula aconteceu de forma expositiva e dialogada. O professor apresentava domínio de conteúdo, porém para uma aula proposta de 30 minutos, continha muito conteúdo o que tornou a aula rica mais ao mesmo tempo extrapolou o tempo planejado. O objetivo e a metodologia foram alcançados de acordo com o plano de aula. O professor levou amostras para a turma, que facilitou a compreensão do tema. Como avaliação foi passada em papel e no projetor, fotos para diferenciar os tipos de propagação, assim os alunos iriam demonstrar a aprendizagem do conteúdo.

- d) Laboratório de ensino: aula ministrada por Lindovaldo Leão em 31 de julho de 2018

Tema: COMPOSTAGEM

O tema abordado foi compostagem da disciplina de Horticultura (ANEXO G). A aula foi preparada para a turma do Curso técnico em agropecuária e foi realizada no dia 31 de julho de 2018.

A aula aconteceu de forma expositiva e dialogada. O professor iniciou a aula com uma situação-problema para que os estudantes começassem a refletir sobre a situação lançada, antes de introduzir os conteúdos. A situação-problema expôs uma propriedade que teria matéria-prima disponível porém o questionamento seria como melhor aproveitar esses materiais para a produção agrícola? Assim os alunos puderam falar suas opiniões e tornar a aula mais interativa. Após isso o professor introduziu os conteúdos atendendo o proposto pelo objetivo geral que é entender todo o processo de composto orgânico. A amostra de composto orgânico na sala de aula facilitou o processo de aprendizagem, porém a falta de imagens poderia ser interessante para reforçar a compreensão. Outro ponto a destacar foi o uso do texto onde todos leram juntos trazendo maior interação entre aluno-professor. A metodologia foi desenvolvida passo a passo do que o professor irá fazer ministrando a aula, contemplando todos os pontos vistos. Na avaliação foi indagado com os estudantes dúvidas, questionamentos do que ficou compreendido ou não o conteúdo trabalhado.

- e) Laboratório de ensino: aula ministrada por Adriana Miranda em 31 de julho de 2018
Tema: MATA CILIAR

O tema abordado foi Mata ciliar da disciplina de Meio Ambiente (ANEXO H). A aula foi preparada para a turma do Curso técnico em agropecuária e foi realizada no dia 31 de julho de 2018.

A aula foi bastante dinâmica, expositiva e dialogada. A professora explorou os conhecimentos prévios sobre uma experiência de banho em rio durante a infância. Após as falas dos educandos foi introduzido o tema. Os objetivos foram contemplados com o debate sobre mata ciliar, importância, código florestal brasileiro e reflexão dos problemas ocorridos no meio ambiente. Na metodologia foi exposta fotos no quadro dos tipos de mata ciliar, textos com fotos relacionados a problemas comuns envolvendo a mata ciliar, além disso, as indagações dos educandos foram colocadas no quadro sobre o que mata ciliar, importância e problemas ocorridos. Como avaliação foi proposta a montagem de uma maquete, dividindo a turma em dois grupos: os que destroem e os que preservam a mata ciliar. Foi bastante dinâmico a forma exposta da maquete, por ser algo físico e os educando poderem tocar, fixando o tema além do aspecto visual.

- f) Autoavaliação: aula ministrada por Ricardo Torres em 24 de julho de 2018
Tema: DEFENSIVOS NATURAIS

O tema abordado foi Defensivos naturais da disciplina de Horticultura (APÊNDICE C). A aula foi preparada para a turma do Curso técnico em agropecuária e foi realizada no dia 24 de julho de 2018.

A aula iniciou com a apresentação do tema e do conhecimento que os alunos tinham sobre o mesmo. Porém a falta de imagens dificultou o entendimento dos conteúdos, assim como a ordem de abordagens do tema ocorreram de forma desordenada. Na aula foi visualizada 3 formas de preparar um defensivo natural: Nim, alho e hortelã. Os objetivos da aula não ficaram claros devido à segurança de abordar o tema que não foi suficiente, além do tempo curto da aula. Na avaliação foi proposta uma atividade de pesquisa sobre outros extratos vegetais e preparar junto com os alunos no campo e aplicado os produtos nas hortaliças.

3.2.2 Descrições analíticas das observações no campo de estágio

As aulas foram ministradas de forma expositivas e dialogadas, com utilização de recursos didáticos tanto do professor como presente na sala, como data show, notebook para apresentação de slides e uma televisão para apresentação de filme; e quadro branco.

O professor sempre se desloca em volta da sala fazendo pergunta, respondendo sempre que possível os alunos e contextualizado o conteúdo trabalhado com elementos presente no campus ou de experiências do próprio professor em sua jornada acadêmica, tentando fazer os alunos participar da aula. Mesmo com os questionamentos do professor alguns alunos demonstram desinteresse na aula, alguns dormem outros estão em redes sociais via celular. Devido a um aluno está atrapalhando a aula o professor puxou a cadeira e pediu que esse aluno senta-se a frente da turma, chamando essa cadeira de “cadeira da vergonha” devido ao mau comportamento diante dos estagiários. Nota-se por parte do professor que o objetivo principal é passar o conteúdo para os estudantes mesmo que muitos não estejam prestando a atenção, a aula segue com bastante conteúdo na apresentação em slides. O professor começava sempre fazendo uma retrospectiva da aula anterior, como forma de fazer ligações entre as aulas trabalhadas na aula anterior.

Como a disciplina necessitava de 4 aulas semanais de 50 minutos, o professor trabalhas conjugando-as, assim as duas primeiras eram trabalhadas teoria e as duas restantes eram na pratica como em hortas no UDPA – Unidade de Desenvolvimento Pedagógica de Agroecologia, onde se cultivava hortaliças, plantas medicinais, faz preparo de composto orgânico e vermicompostagem no minhocário; sementeiras e jardins. Desta forma, mesmo sendo aula prática, foi observado que alguns alunos (as) ficavam ainda

dispersos, ou seja, sem dar a atenção devida à aula prática. Outra situação observada foi no dia de uma avaliação, com sete questões, com marcações alternativas e duas discursivas; a prova foi feita em grupos de três alunos (as). Sendo assim, as sete questões, cada uma valendo um ponto e as outras duas valendo cada uma, um ponto e meio; a prova foi elaborada baseada nos conteúdos trabalhados em sala e nas aulas práticas; após o término da avaliação, o professor corrigiu com a presença de cada grupo e explicando as questões erradas; foi observado que muitos alunos tinham dúvidas com relação às respostas das questões. E as notas foram um fracasso, a maioria foi abaixo de 4,0. Também, foi observada uma situação em que um aluno estava atrapalhando a aula e o professor pediu que se retira da aula e encaminhou para o CEGAE – Coordenação Geral de Assistência Estudantil.

Dessa forma, o professor conduzia suas aulas de certa forma dialogada com os estudantes, mas também de forma autoritária na medida do possível como método para controlar a turma. O professor se expressava da melhor forma possível com uma tonalidade de voz apreciável, e usava um vocabulário aceitável para que os alunos pudessem compreender melhor o assunto. Quando é observada a metodologia, as aulas são geralmente expositivas e práticas, trabalhando os conteúdos necessários para o curso, porém sempre quando os alunos não contribuem com a construção da aula, o recurso é convidar esse aluno(s) a saírem da sala de aula ou ignorar esses alunos, demonstrando uma ambiguidade. Os recursos didáticos de forma bem aplicados como o data-show, notebook, UDPA com o uso da área como didática, assim como a sementeira e o jardim que compõem a unidade. Sempre que possível fazia referência a contextos do dia a dia, o professor tinha domínio do conteúdo trabalhado com bastante propriedade e estava sempre aberto para tirar dúvidas com os alunos (as). O tempo das aulas era bem administrado, dentro do possível fazia o fechamento da aula ligando os conteúdos já trabalhados aos que ia trabalhar na aula seguinte informando aos alunos, assim concluindo sua aula. A disciplina foi encerrada na UDPA com uma confraternização e conversas sem relação com a disciplina, mas do futuro profissional dos educandos.

3.2.3 Análise crítica do processo de ensino-aprendizagem

O estágio possibilita uma visão de como é a prática do educador e assim tentar desvendar os problemas e possibilidades para a construção do conhecimento. Com as observações feitas no estágio, como o autoritarismo do educador, as exposições da aula teórica e prática na sala de aula e no campo, e a próprio comprometimento dos alunos na

aula são pontos que devem ser observados de forma ampla, não apenas no contexto da aula, mas num todo.

Como citado por Pimenta e Lima (2012, p. 102) com relação a perspectivas e dificuldades do estágio para quem não é professor: Os conhecimentos e as atividades que constituem a base formativa dos futuros professores têm por finalidade permitir que estes se apropriem de instrumentais teóricos e metodológicos para a compreensão da escola, dos sistemas de ensino e das políticas educacionais. Essa formação tem por objetivo preparar o estagiário para realização de atividades na escola, com os professores na sala de aula, bem como para o exercício de análise, avaliação e crítica que possibilite a proposição de projetos de intervenção a partir dos desafios e dificuldades que a rotina do estágio nas escolas revela.

A relação do educador – aluno e vice-versa é essencial para a condução efetiva das aulas, pois como observado em alunos dormindo e no celular durante a aula, o professor deve buscar entender o comportamento dos alunos problemáticos e propor uma alternativas que tornem os alunos partes do processo educativo.

Ser educador é mais que uma transmissão de conhecimento é fazer o estudante pensar e refletir sua função dentro da sociedade. Dessa forma, um grande desafio do educador é fazer com que os estudantes possam enxergar as possibilidades no torno e tomar para se como objetivo em busca de novos conhecimentos.

Na obra *Pedagogia da autonomia: saberes necessários para uma prática educativa* Freire explica suas razões para analisar a prática pedagógica do professor em relação à autonomia de ser e de saber do educando. Enfatiza a necessidade de respeito ao conhecimento que o aluno traz para a escola, visto ser ele um sujeito social e histórico, e da compreensão de que "formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas" (FREIRE, 1996 p. 9). Define essa postura como ética e defende a ideia de que o educador deve buscar essa ética, a qual chama de "ética universal do ser humano" (FREIRE, 1996 p. 7), essencial para o trabalho docente.

As observações no IFPE também permitiram identificar e compreender como acontece a prática pedagógica, na qual o educador precisa manter uma relação próxima e dialógica com os alunos para que ocorra a valorização de seus conhecimentos e manter a interação e fluidez dos conteúdos trabalhadas, tanto na sala de aulas e quanto em campo. A minha avaliação da disciplina foi satisfatória, apesar de alguns métodos inapropriado no ensino, mas que o professor sempre tentar fazer os alunos aprenderem. Existe uma abordagem tanto na teoria e prática dos conteúdos, fazendo os alunos terem uma visão

ampla do que é passado nos slides através da vivência em campo. Porém, apesar dos esforços do professor, em algumas turmas os alunos não demonstram interesse, dessa forma, começam a atrapalhar a aula e o professor recorre ao autoritarismo. O fato do professor levar os alunos em campo numa área de produção de hortaliças, parece não ser suficiente para despertar o interesse dos alunos. Na minha opinião, devido a maioria dos alunos terem serem da zona urbana e nunca terem contato com o campo, propicia ao desinteresse e também a marginalização da agricultura como um trabalho de lazer e não lucrativo. Como são jovens e iniciantes, os desafios da área de atuação precisam ser estimulados, e despertados para serem bons profissionais no futuro.

No primeiro dia de aula do estágio, uma situação em aula fez o professor ter uma conduta tradicional de educação: Devido a um aluno está atrapalhando a aula o professor puxou a cadeira e pediu que esse aluno se sentar a frente da turma, chamando essa cadeira de “cadeira da vergonha” devido ao mau comportamento diante dos estagiários. Com isso, nota-se por parte do professor naquele momento o objetivo era apenas de autoridade, onde a aula tem como objetivo de encher os alunos de conteúdos apresentados meramente por slides.

Naturalmente que este modelo, que defende a fragmentação do conhecimento, calcado na crescente especialização da ciência compromete a construção de uma visão global por parte dos educadores, impossibilitando ou dificultando, muitíssimo, o desenvolvimento de um ser humano mais integrado interiormente e participante socialmente (QUEIROZ; MOITA, 2007). Segundo freire (2006) homem é concebido como sujeito ativo de sua própria história e capaz de intervir positivamente e de forma crítica submeter-se perante à realidade social. Um ensino que preconiza a adaptação dos indivíduos socialmente marginalizados ao contexto social vigente contribuiria somente para a reprodução das relações de exploração, negando totalmente o caráter libertador da educação.

Outro ponto interessante observado é que houve uma melhora na condução das aulas ministradas, em relação a interação dos alunos com o professor, que pode ser explicado pela presença do estagiário no acompanhamento das aulas. O professor começava sempre fazendo uma retrospectiva da aula anterior, como forma de fazer ligações entre as aulas trabalhadas na aula anterior; decidiu dividir o conteúdo entre a teoria em sala e o campo, proporcionando aos alunos vivenciarem o que aprenderem na aula para a prática, embora que por algumas vezes os alunos acabavam fazendo algo sem relação com o conteúdo em si, por exemplo, numa aula sobre enxertia, os alunos faziam

apenas a capina das hortas, mesmo o professor explicando como é o processo, mas não de fato faziam a enxertia. Embora com esse empecilho, os educandos quebravam a rotina de apenas permanecerem em “quatro paredes”, mantinham um diálogo permanente com o professor, não apenas em relação com as hortas, mas também sobre outras conversas, como gostos, preferências, futuro, mercado, comportamento, dentre outras.

Para Freire (1996), o trabalho educacional precisa partir da realidade, no intuito de possibilitar o diálogo permanente com a reflexão em um processo de formulação do conhecimento, com suporte na relação teoria-prática. Na busca da análise da prática e da leitura de mundo estão intrínsecas as posturas dos professores, que perseguem desenvolver a “prática de pensar a prática”, cabendo-lhes empreender o exercício de uma competência que abrange a totalidade e, ao mesmo tempo, a atividade docente. A educação é diretiva, por isso é política, é artística e moral, serve-se de meios, de técnicas, envolve frustrações, medo, desejos. Exige como professor, uma competência geral, um saber de sua natureza e saberes especiais, ligados à atividade docente. (FREIRE, 1996, p. 70).

Em suma, as observações do campo de estágio possibilitaram visualizar que existe um grande desafio para o professor com os discentes, principalmente em descobrir quais os anseios e perspectivas que os alunos apresentam. Assim, é preciso inovação na abordagem dos conteúdos, levar em campo repetidas vezes, faz com que o professor seja preso novamente pela monotonia. É preciso construir desafios tanto para educadores e educandos favorecendo o ensino – aprendizagem.

3.2.3 Importância dos laboratórios de ensino para minha formação docente

Ao analisar todos os laboratórios, percebi que houve uma leve melhora na minha condição de elaboração de dinâmicas educativas afim de tornar a aula mais atrativa, como também na forma de apresentação. Isso é percebido em todos os colegas da turma, onde favoreceu positivamente para melhor qualidade no ambiente da sala, segurança nas falas e na postura como futuros educadores.

Os laboratórios de ensino foram de suma importância para que buscássemos desenvolver melhor a nossa capacidade de observação, construir e interpretar situações que serão recorrentes na nossa vida profissional como educadores. O objetivo foi permitir reflexões e analisar a nossa prática docente e o processo de ensino-aprendizagem em decorrência das observações feitas em sala de aula e nos demais espaços que envolvem a prática educativa. Porém é preciso salientar que os laboratórios de ensino precisam estar

inseridos em um contexto que dialogue com a realidade vivida em sala de aula, de acordo com a interação aluno-professor, reflexões críticas da realidade do alunos e a adaptação do docente ao ensino público.

3.2.5 Dificuldades encontradas nos semestres

O semestre foi o mais difícil e sobrecarregados do que os demais, pois na instituição onde curso Agronomia estava ocorrendo provas avaliativas, seminários e visitas técnicas. Além de que estava no processo de elaboração do trabalho de conclusão do curso (TCC), isso fez com que faltasse as aulas da licenciatura e comparecer as observações das aulas no próprio instituto mais do que os semestres anteriores.

Com relação aos laboratórios poderíamos ter uma quantidade maior de apresentações. Seria bom para praticarmos nossa didática com relação aos conhecimentos adquiridos.

3.3 ESTAGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO III (ECO – III)

3.3.1 Observação de aula, por videoconferência dos colegas levantando o(s) problema(s) evidenciado(s)

O objetivo dessa atividade foi identificar as diversas problemáticas enfrentadas por professores e estudantes em sala de aula, que poderão interferir no processo de ensino e aprendizagem nesse período remoto.

A estagiária Clara Almeida começou a aula muito bem, fazendo uma boa apresentação com nome, assunto tratado na aula, trouxe indagação sobre o que é a água, abrindo a discussão, fazendo os alunos refletissem o assunto previamente. Teve boa entonação de voz, a apresentação estava com boa imagens e cores referentes ao tema. Apenas o áudio de fundo ficou com ruído o que, atrapalha o raciocínio. Com tudo, a estagiária desenvolveu a necessidade dos alunos de fazê-los pensar de forma mais crítica acerca do tratamento da água na agroindústria, trazendo o fato de ser água potável e como devemos cuidar mais das nossas fontes de água.

Foi possível observar o domínio do assuntos tratados na aula, mas para uma aula de nível técnico foi muito simples os conteúdos. Teve boa atualização dos conteúdos trazendo a lei recente de 2017 aprovada pela ANVISA (agência nacional de vigilância sanitária), além do exemplo da comparação da água do Rio de Janeiro para exemplificar na aula. Porém a adequação do assunto ao nível da turma para um profissional técnico de agroindústria foi baixo para a introdução do tema, pois deveria trazer alguns exemplos de

utilização na agroindústria, como imagens; do por que é importante para agroindústria o uso da água para o processamento de alimentos nesse estabelecimento.

A metodologia utilizada foi por vídeo aula com duração de, aproximadamente, 13 minutos. Além disso, traz questionamentos sobre a água, porém faltou relacionar especificamente com a agroindústria. Realizou perguntas para a turma, motivando os alunos a pesquisa sobre surto de água contaminada (poderia mudar a pesquisa para que os alunos pesquisem na internet, problemas enfrentados, no processamento de alimentos, com o uso de água inapropriada ou uso incorreto; poderia ligar com outro tema para próxima aula). Já os recursos didáticos utilizados foram o áudio para se comunicar; uso de slides para apresentação da aula, nele incluso o uso de fotos sobre a água no RJ, imagens ilustrativas para tornar a aula mais didática. Poderia incluir vídeos curtos para melhorar a didática.

Pode-se observar o interesse em avaliar a aprendizagem dos alunos, pois foi incluída a realização de pesquisa para os alunos, isso incentiva à participação do aluno, mas pelo fato da aula ser gravada, então impede da estagiária fazer questionamentos e tirar dúvidas sobre os assuntos no momento da aula. Entretanto, é necessária a contextualização da aula com exemplos do cotidiano dos alunos, como trazer amostras seja em vídeo pronto ou gravado pela própria estagiária a diferença de água portátil; exemplificar a água no processamento de alimentos com imagens, ilustrações, em locais na instituição ou locais privados que tenham como base uma agroindústria. Isso enaltece o tema e traz mais curiosidade dos alunos. A vídeo aula trouxe exemplos que forma notícia em manchetes de jornais, mas poderia trazer o mesmo assunto abordado com exemplo na região.

A utilização do tempo para a quantidade de assuntos abordados, poderia ter simplificado a explicação, devido a ser assuntos fáceis de serem entendimento por um aluno nível técnico; ter avançado mais rápido em direção ao tema em questão. No geral, foi bom o tempo já que ficou bem explicado os conteúdos, porém para a turma os conteúdos foram simples e precisavam de uma abordagem maior com ênfase no uso da água na agroindústria.

Contudo existem pontos que podem ser melhorados como a necessidade de aprofundar o tema sobre a qualidade da água na agroindústria como: explicar as fontes de água utilizáveis na agroindústria, como tratar, como é a instalação e a circulação da água pré e pós processamento de alimentos, reaproveitamento da água residual, como é feita a

análise da água no laboratório, como é feita a dosagem do uso de cloro para o tratamento da água, uso de ilustrações desses assuntos desde que sejam bem sucintos.

3.3.2 Entrevistas com os estudantes da escola

O objetivo dessa fase foi conhecer as demandas dos estudantes e ou ex-estudantes em relação às experiências que tiveram com os professores na sua vida estudantil, visando sugestões no sentido de melhorar as metodologias adotadas e a relação professor-aluno a serem refletidas pelos estagiários.

Quando a entrevistada 1 estava no 1º ano do ensino médio teve uma experiência com uma professora que ofertava medalhas e pontos extras nas notas quem se saísse melhor da turma. Apesar de que, segunda a entrevistada, a professora ser bastante tradicional, porém no fim do ano ela usava a técnica behaviorista, onde usava de estímulos para ter uma reação dos alunos, sendo usado medalhas para os 3 melhores alunos durante todo o ano letivo, como estímulo. Todo ano a entrevistada se esforçava para ganhar a medalha, mas a professora sempre escolhia os mesmos alunos, quando chegou um aluno novato, então ela (professora) fez questão de aumentar a quantidade de medalhas para contemplar o novato, então ela percebeu que tinha os "preferidos". Essa técnica apesar de ser interessante, esbarrava no erro de privilegiar alguns alunos mesmo a entrevistada tirando notas altas, nunca foi reconhecida.

O entrevistado 2 relata que a professora de português do ensino médio era muito tradicional, pois ela sempre utilizava o mesmo método nas suas aulas, chegava na sala, pedia para os alunos abrirem o livro na página de questões, ler e entregar. Enquanto era feito a atividade, ela ficava birô mexendo no celular ou, como era comum, saía pra voltar depois pra sala. Apenas depois disso, ela começava a aula e falava por longo tempo. Talvez era feito isso para que os alunos ficasse por dentro do assunto, mas durante a aula ela não arriscava perguntas e a aula ficava muito maçante, um exemplo de educação bancária, que é quando o educador depositado conhecimento nós educando. Essa professora era a única que não dialogava com os alunos, dificilmente fazia saudações como “um bom dia” sempre aparentava estressada, mas em relação ao controle em sala de aula era a melhor entre os demais docentes, segundo o entrevistado, devido a sua rigidez em sala posta pelo medo que os alunos sentiam por ela. Qualquer problema com aluno ela mandava para a secretaria do colégio, não tinha conversa entre professor e aluno.

A entrevistada 3 diz que foi o professor que mais marcou a sua consulta em aula foi o de matemática do ensino médio. A disciplina de matemática sabemos que sempre é complicado e se esforçava para tirar boas notas, sempre conseguia passar na média de 6 nas provas, mas não a maioria da turma, devido a isso, algumas meninas da turma davam em cima do professor com gestos sexuais e por isso ele alterava as notas dessas alunos. Na época sabíamos disso, mas ninguém denunciou. Isso não é conduta que professor deve ter com alunos, faltou respeito e ética profissional. Os demais alunos tinham que ficar em recuperação ou até mesmo serem reprovados como foram alguns, foi uma conduta irresponsável do professor perante aos alunos.

3.3.3 Regências

As regências de aulas foram realizadas no mês de setembro a outubro de 2020, com a turma Subsequente II período curso Técnico em Agropecuária do IFPE Campus Vitória de Santo Antão, na disciplina de horticultura, ministrada pelo professor Wellington Costa da Silva. O curso técnico subsequentes são aqueles em que o aluno faz apenas o técnico no IFPE. Isso porque, para ingressar nessa modalidade, o estudante precisa já ter concluído o ensino médio na data da matrícula. Foram realizadas três aulas com os seguintes temas: Aula 1: A cultura do Alface; Aula 2: A cultura do tomate; Aula 3: O uso de forrações em jardins. Os temas foram definidos de acordo com as temáticas da disciplina, ajudando o professor Wellington Costa para a disciplina por ele lecionada. Durante as regências um fator negativo, foi que eu não vinha acompanhando as aulas virtuais do professor Wellington Costa na disciplina de Horticultura no semestre, o que dificultou a formulação de ideias para o planejamento e execução das aulas. Apesar disso o contato, interação com a turma foram mais tranquilos nesse período de regência.

Na primeira aula (APÊNDICE D), iniciamos sobre o que é a cultura do alface, sendo uma hortaliça folhosa delicada e sensível às condições climáticas como temperatura, trouxe os aspectos botânicos da cultura, tipos de cultivares de alface e suas diferenças. Busquei trabalhar os sistemas de produção, trazendo as principais diferenças entre os sistemas, tentando relacionar com experiências desses sistemas em propriedades próximas dos alunos no mesmo município. Dessa forma, relacionando como deve ser o tratamento do local de produção e o preparo do solo para o cultivo da alface. Tentei fazer os alunos refletirem sobre os adubos orgânicos muito utilizados na agroecologia, um sistema de produção que visa a sustentabilidade do ambiente. Foi exposto outros assuntos como produção e mudas, tratos culturais, plantio e principais doenças e pragas da alface

e pós-colheita. No final foi enviado um questionário pelo Google formulário como forma de avaliação da disciplina. O resultado foi satisfatório, onde alguns alunos fizeram perguntas durante a aula. Infelizmente devido a forma remota de aula, torna-se difícil a interação com os alunos.

Para a segunda aula (APÊNDICE E), a proposta foi trabalhar a cultura do tomate. Foi uma aula extensa, pois o tema apresenta muitos assuntos a serem abordados, já que faz parte dos conteúdos programados da disciplina. Foi abordado assuntos como a morfologia da planta, exigências endofoclimáticas, cultivares de tomate, preparo do solo e adubação, implantação da cultura, tratos culturais, doenças e pragas, colheita e comercialização da cultura. A turma percebeu a importância do tema e da necessidade em aprender uma vez que, iram necessitar desses conhecimentos como futuros técnicos agrícolas. No final da aula foi enviado um questionário online que será utilizado como avaliação da disciplina de horticultura. O resultado foi satisfatório, apesar da extensão de assuntos que por exigência do professor foi necessário a realização desse tema para nota do semestre.

Para a terceira aula (APÊNDICE F), a proposta foi trabalhar o uso de forrações em jardins. A aula pretende saber quais são as forrações utilizadas relacionando-as com que os alunos já reconhecem no cotidiano. O tema apresenta assuntos que faz parte dos conteúdos programados da disciplina. Sendo assim abordado assuntos como as características de uma planta de forração, tipos de podas e algumas cultivares, que visaram destacar as mais comuns para que os alunos pudessem identificar as espécies e reconhecendo a incidência e o manejo adequado realizado nessas culturas. Busquei deixar os alunos a vontade para fazer questionamentos, buscar soluções viáveis para o manejo das culturas. Estas têm a proposta de valorizar conteúdos produzidos coletivamente em diferentes momentos e rompem com a lógica exclusiva da oralidade. No final da aula foi enviado novamente um questionário online que será utilizado como avaliação da disciplina de horticultura.

Os planos de aula relativos às regências aqui analisadas estão nos Apêndices ao final do relatório.

3.3.4 Atividades Assíncronas

São atividades realizadas por meio digital sem que o professor e os alunos estão simultaneamente conectados. Foram realizadas quatro atividades: a atividade 1 foi realizada um debate sobre o educador, onde foi proposta uma simulação sobre a condição de um/a professor/a, fazendo parte de uma banca como avaliador/a de aulas de outros professores. Com isso, descrevemos quais aspectos eram considerados nessa avaliação (ANEXO I). Essa atividade teve como objetivo revisar e trazer para a reflexão a prática da docência.

A atividade 2 foi um complemento da atividade anterior que foi previamente fixada na aula remota e proposta a realização de entrevistas “a si mesmos” e mais duas pessoas que tenham, no mínimo, concluído o ensino médio. As repostas poderiam ser positiva e ou negativa. Não foi necessário colocar o nome dos professores. O objetivo dessa atividade era fazer um resgate de memória e pensar nos professores que mais marcaram a vida estudantil de cada um dos entrevistados. Depois, descrever as suas características que eles tinham que marcaram a vida estudantil. O resumo das entrevistas de todos os estudantes da turma de estágio encontra-se no anexo J.

A atividade 3 (ANEXO K) foi uma análise de um plano de aula com objetivo de observar, além do conteúdo, os demais aspectos do plano e suas relações entre si. Fizemos por escrito cada observação que nós percebemos, mas com a devida justificativa. Na análise tratamos de diferenciar os objetivos geral e específicos, bem como o verbo indicador adequado para cada objetivo, sendo que a melhor maneira de saber o verbo correto é consultar a taxonomia de Bruno para a utilização correta dos verbos nos objetivos. Tratamos também da metodologia utilizada que é a videoconferência ou vídeo aula; dos recursos didáticos, ou seja os materiais utilizado para a realização da aula; a avaliação podendo ser feitas perguntas, pesquisas, questionários; e as referências utilizadas na pesquisa de conteúdo pelo professor. O objetivo dessa atividade era exercitar os estagiários para a elaboração dos próprios planos de aulas para as regências.

Por fim a atividade 4 que foi avaliar a aula do colega (aspectos favoráveis e desfavoráveis à aprendizagem) apontando alternativas. No meu caso, a colega avaliada foi Clara Almeida. A aula teve pontos favoráveis como: ser muito didática, teve boa introdução, fotos, textos enxutos, realização de pesquisa para os alunos, questionamentos textuais. Porém identifiquei alguns desfavoráveis como problema no áudio com chiado, velocidade de explicação que poderia ter sido mais rápida, devido a simplicidade do

conteúdo, o tempo curto da aula, aprofundar o tema, pois o nível não foi adequado para o técnico em agropecuária.

3.3.5 Importância das atividades assíncronas para a sua formação

Nas aulas assíncronas pude desenvolver um sistema de domínio de habilidades para que tivesse uma experiência nova e que se distância da forma de aula presencial. Assim, percebi que não é necessário que os alunos e professores estejam conectados ao mesmo tempo, em uma aula virtual ou presencial, para que as tarefas sejam concluídas e mesmo assim mantém o aprendizado, desde que seja adequado para esse formato de ensino. Entretanto, as aulas à distância não são suficientes para elevar o potencial de aprendizagem dos alunos, é por isso que destaco a importância da aprendizagem de outras formas como a síncrona e a presencial, bem como as ferramentas de suporte para alunos, como relatórios e recomendação de atividades como estímulos.

Dessa forma, as aulas assíncronas surgem como uma nova ferramenta de aprendizagem em um momento conturbado, devido a necessidade de adaptação do ensino perante os desafios impostos pela pandemia de COVID-19.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estágio é possível analisar que a prática docente é bastante difícil em relação a manter a interatividade com os alunos para que os mesmos despertem a curiosidade de sempre aprender mais. Porém, é possível alcançar uma proposta diferenciada para um efetivo ensino-aprendizagem, onde o professor deve sempre procurar estimular os educandos, para que haja uma relação de confiança e comprometimento de ambas as partes.

Os Laboratórios de Ensino contemplaram a avaliação individual e coletiva da prática de ensino, preparando os futuros professores. No geral, observamos um quebra do ensino tradicional observado no meio acadêmico, porém passo a passo estamos construindo uma didática própria, sensibilizando o olhar para observar, avaliar e melhorar o desempenho dos em sala de aula.

Nas observações de aula aperfeiçoaram como espaços didáticos a prática de ensino, essencial aos alunos dos cursos de Licenciatura em Ciências Agrícolas, porque apenas não aprendemos as práticas pedagógica, mas também a análise, a problematização, a reflexão e a proposição de soluções às situações de ensino- aprendizagem. Nesse contexto nos envolve a experimentar situações para ensinar, elaborar, discutir e avaliar nos diferentes espaços da instituição/escola. Essas intervenções são de fundamental importância no planejamento de uma didática pedagógica fundamentada na qualidade do ensino-aprendizagem do educando.

Já nas regências do estágio remoto enriqueceram a compreensão de que existem outras ferramentas utilizadas para a construção de um plano pedagógico, mesmo que ofereça desafios de acesso à tecnologia dos alunos e a organização do professor adequada a esse formato de ensino para que obtenha um retorno efetivo na sua prática docente.

Contudo, o estágio contribuiu para a vivência das diversas questões do dia-a-dia da educação como é na realidade, às vezes o discurso em sala torna-se bem diferente quando enfrentamos na prática, assim como também é um desafio nas aulas remotas sendo problemas bem mais difíceis de resolver do que imaginamos. As práticas docentes nas escolas estão intencionalmente em uma lógica política-pedagógica, que precisam ser observadas e analisadas de forma amplamente complexa.

5. CRÍTICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA POR MEIO DO ENSINO REMOTO

A ausência de trabalhar com os alunos em aulas práticas, fez com que o meio remoto fosse uma experiência bastante difícil para mim. Apesar de conseguir cumprir as regências com aulas bastante longas para o período em que vivemos, as aulas virtuais foram um desafio e impediu de que fosse possível variar a metodologia de ensino.

Caso as aulas fossem presenciais, poderia realizar aulas de campo, utilização de materiais vegetais, dinâmicas em sala de aula que possibilitasse a contextualização dos assuntos na instituição e uma melhor dinâmica para o ensino pedagógico. Tudo isso é impossibilitado no ensino remoto, pois é preciso muita criatividade e exige um alto grau de preparo para atender esses requisitos para um melhor ensino-aprendizagem.

6. SUGESTÕES PARA MELHORAR NOS PRÓXIMOS SEMESTRES

Um dos aspectos negativos do curso é o fato da execução dos estágios I, II e III os estagiários tendem ir às mesmas instituições nos três semestres, seria necessário variar as experiências em distintas escolas e turmas comparando realidade de ensino. Além disso, a cada semestre é preciso organizar e preparar repetidas documentações, o que a meu ver apenas seria necessárias se fossem em instituições diferentes ou em caso de troca de supervisor da escola. Nesse caso a UFRPE poderia investir em parcerias para diversificar as escolhas das escolas e dos alunos-alvo do curso.

No estágio II, também poderia ter laboratórios de ensino, uma vez que poderíamos está corrigindo algo de errado que fizéssemos durante as regências ou até mesmo ajudar a melhorar nossa didática.

Outro ponto que destaco é no Estágio III, foi um semestre distinto e acredito que o ensino remoto não deva ser utilizado nos próximos semestres devido a que prejudica a interação entre aluno-professor um vez que não pode ser realizadas aulas práticas. Mesmo sendo um ensino à distância a carga de atividades é muito maior e como geralmente os alunos tem outras afazeres, também importantes, acaba não conseguindo o esforço necessários para as aulas.

REFERÊNCIAS

- BIANCHINI, Ana Cecília de Moraes; ALVARENGA, Marina; BIANCHI, Roberto. **Manual de orientação: estágio supervisionado**. 3. Ed. São Paulo: Cengage Learning, 2008 p.7.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Concepção e Diretrizes. Brasília – DF, 2008.
- BRASIL. Instituto Federal de Educação de Educação, Ciência e Tecnologia. Campus Vitória – História. Vitória – PE, 2017. Disponível em:<http://www.ifpe.edu.br/campus/vitoria> >. Acesso em: 26 nov. 2017.
- BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e dá outras providências. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil.htm>>. Acesso em: 26 nov. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Profissional e Tecnológica. Instituto Federal de Educação, ciência e Tecnologia de Pernambuco – Estatuto. Recife – PE, 2010.
- BRASIL, Ministério da Educação. Concepções e Diretrizes: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Brasília: Ministério da Educação, Junho, 2008. Disponível: http://www.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/20106281024781conc_diret_rev.pdf. Acesso em: 15 fev. 2018.
- BRASIL, Ministério da Educação. Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio. Documento Base. 2007. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/setec> Acesso: 15 fev. 2018.
- BRASIL, Ministério da Educação. Um novo Modelo de Educação Profissional e Tecnológica - Concepções e Diretrizes. 2010. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/setec> Acesso: 15 fev. 2018.
- BRASIL. Lei 11892, de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de educação, Ciência e Tecnologia. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato_2007-2010/2008/lei11892.htm. Acesso em 15 fev. 2018.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. O desenvolvimento de um comunicador para o desenvolvimento. Disponível em: <http://antares.ucpel.tche.br/regiocom/upload/File/Palestra-Bordenave.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.
- CANDAU, V.M.F. **Universidade e formação de professores: Que rumos tomar?** In: CANDAU, V.M.F. (org.) *Magistério, construção cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1997

CANDAU, V.M. & LELIS, I.A. **A Relação Teoria-Prática na Formação do educador.** In: CANDAU, V.M (Org.). Rumo a uma Nova Didática. 10 ed. Petrópolis: Vozes. 1999. p.56-72.

FIorentini, D. & Souza e Melo, G.F. **Saberes docentes: Um desafio para acadêmicos e práticos.** In: GERALDI, C. (org.) Cartografias do trabalho docente: Professor(a)-pesquisador(a). Campinas: Mercado das Letras, ALB, 1998, p. 307-335.
FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25^a Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 p.7.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25^a Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 p.9.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996 p. 70.

_____. **Educação como Prática de Liberdade.** Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2006.

GARCÍA, C. M. Como os professores sabem matéria que ensinam: algumas pesquisas sobre o conhecimento das contribuições de conteúdo de ensino. CONGRESSO A ESPECÍFICA DE ENSINO NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES, Santiago de Compostela- Espanha, 1992. Disponível em:
<<http://www.prometeo.us.es/mie/pub/marcelo>>. Acesso em: 17/08/2018.

GHEDIN, E.; ALMEIDA, M. I. de; LEITE, Y. U. F. Formação de Professores: caminhos e descaminhos da prática. Brasília: Líber Livro, 2008. p. 23-51.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. de S. (Coord.). **Professores do Brasil: impasses e desafios.** Brasília: UNESCO, 2009.

IMBERNON, Francisco. **Formação docente e profissional - formar-se para a mudança e a incerteza.** São Paulo: Cortez, 2001.

LELIS, I.A. **Do Ensino de Conteúdos aos Saberes do Professor: Mudança de Idioma Pedagógico?** Educação & Sociedade, ano XXII, n° 74, Campinas, 2001.

QUEIROZ, C. T.; MOITA, F. M. **Fundamentos sócio-filosóficos da educação.** Campina Grande Natal: UEPB/UFRN, 2007 p. 7

PASSERINI, Gislaine Alexandre. **O estágio supervisionado na formação inicial de professores de matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura em matemática da UEL.** 121f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2007.

PPPI, **projeto político pedagógico institucional.** Portaria n° 449/2010-GR. Recife, 2012.

PDI, **plano de desenvolvimento institucional do instituto federal de Pernambuco 2014 – 2018.** Resolução n° 057/2015. Recife, 2015.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2012 p. 24.

_____. O estágio na formação de professores. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Professor reflexivo no Brasil: construindo uma crítica. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Estágio e docência. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010

_____. **Estágio e Docência**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2012 p. 21.

_____. **Estágio e Docência**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2012 p. 102.

_____. **Estágio e Docência**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2012 p. 118-121.

_____. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. Campinas-SP: Editora Papirus, 1998. p. 161-178.

SANTOS, L. L. C. P. **Formação de professores e qualidade de ensino**. In: Escola Básica. Campinas, Papirus, 1992, p. 137-146.

SAVIANI, D.A. **Educação: do Censo Comum à Consciência Filosófica**. 12 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

SHULMAN, L. S. Conhecimento e ensino: fundamentos da nova reforma. Corpo docente. Diário de currículo e formação de professores, 9, 2, p. 1-30, 2005. Disponível em: <<http://www.ugr.es/~recfpro/Rev92.html>>. Acesso em: 17/08/2018.

_____. Conhecimento e ensino: fundamentos da nova reforma. Harvard Educational Review, 1987 p. 1-22.

SCHON, D.A. **The Reflective Practitioner**. Basic Books, New York, 1982 apud SANTOS, L. L. C. P. **Formação de professores e qualidade de ensino**. In: *Escola Básica*. Campinas, Papirus, 1992, p. 137-146.

VEIGA, Ilma Passos A.(org). Projeto Político Pedagógico da Escola: uma construção possível. 17. ed. Campinas: Papirus, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Unidade PAIS (Programa Agroecológico Integrado Sustentável)



FONTE: Ricardo Torres: IFPE - *Campus* Vitória de Santo Antão, 14 de novembro de 2017.

APÊNDICE B

Plano de Aula

Universidade Federal de Pernambuco

Professor: Ricardo Torres da Silva

Data: 22 de janeiro de 2018

Disciplina: Horticultura

Turma: Técnico em Agropecuária

Tema: Vermicompostagem

Objetivos	Conteúdo	Metodologia	Material didático	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer sobre a Vermicompostagem; - Observar a importância da minhoca; - Reconhecer as vantagens e desvantagens; - Saber a construção de um vermicomposto; 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação a Vermicompostagem; - Importância - Vantagens e desvantagens; - Espécies criadas; - Fatores que influenciam a Vermicompostagem - Manejo - Separação e reciclagem 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecimento dos conhecimentos prévios - Aula dialogada - Apresentação em Power Point - Distribuição de folder - Atividade prática para próxima aula. 	<ul style="list-style-type: none"> - Projetor - Quadro - Piloto - Síntese do conteúdo 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação continuada - Participação em sala - Questionamento dos alunos - Atividade para próxima aula.

Referências

AQUINO, A. M. de; ALMEIDA, D. L. de; FREIRE, L. R.; DE-POLLI, H. Reprodução de minhocas (*Oligochaeta*) em esterco bovino e bagaço de cana-de-açúcar. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, Brasília, v. 29, n. 2., p. 161-168, 1994.

AQUINO, A. M. de. **Agricultura urbana de Cuba**: análise de alguns aspectos técnicos. Seropédica: Embrapa Agrobiologia, 2002. 25 p. (Embrapa Agrobiologia. Documentos, 160).

SILVA, V. F. da. **Vermicompostagem utilizando esterco e palha enriquecida com N e P**: processo de produção e avaliação para a cultura da cenoura (*Daucus carota* L.). 1992. 138 f. Tese (Mestrado em Agronomia, na área de concentração em Ciência do Solo)– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Itaguaí, RJ, 1992.

APÊNICE C

PLANO DE AULA

Universidade Federal de Pernambuco

Professor: Ricardo Torres da Silva

Data: 24 de julho de 2018

Disciplina: Horticultura

Turma: Técnico em Agropecuária

Tema: Defensivos Naturais

Objetivos	Conteúdo	Metodologia	Material didático	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer sobre o defensivo natural; - Observar a importância para horticultura; - Perceber a influencia no ambiente - Saber o que o Nim(<i>Azadirachta indica</i>) -Perceberas vantagens e desvantagens do extrato de Nim. - Saber como preparar um inseticida natural; 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação sobre o que é defensivo natural; - A Importância no agroecossistema - Tipos de defensivos naturais - Vantagens e desvantagens do Nim - A influência no ambiente 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecimento dos conhecimentos prévios - Aula dialogada - Atividade prática para próxima aula. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro - Piloto - Livro - Material vegetal 	<ul style="list-style-type: none"> - Participação em sala - Questionamento dos alunos - Atividade para próxima aula: Pesquisar outros defensivos naturais utilizados na agricultura: Uso, preparo e benefícios

Referência

EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **A cultura do Nim**. Embrapa informação tecnológica, Brasília-DF, 2008.

PRIMAVESI, A. Manejo ecológico de pragas e doenças: técnicas alternativas para a produção agropecuária e defesa do meio ambiente. **Revista Expressão Popular**, 2 ed, São Paulo, 2016.

APÊNDICE D

Plano de aula

IDENTIFICAÇÃO:

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

Professor: Ricardo Torres da Silva

Curso: Técnico em Agropecuária

Componente curricular: Horticultura

Turma: Subsequente II

Data 23/09/2020

Duração da hora-aula: 50 minutos

Tema da aula: Cultura da Alface

OBJETIVOS:

Objetivo geral: Conhecer a cultura do Alface (*Lactuca sativa*)

Objetivos específicos:

- Identificar os principais tipos de alfaces
- Reconhecer os sistemas de produção
- Explicar o preparo do solo para alface
- Descrever sobre a produção de mudas
- Demonstrar os tratos culturais
- Relacionar as principais doenças e pragas do alface

METODOLOGIA

Videoconferência

RECURSOS DIDÁTICOS

- Computador
- Celular
- Slides
- Fotos

AVALIAÇÃO:

- Questionário
- Perguntas e respostas sobre o tema.

REFERÊNCIAS

COLARICCIO, A., CHAVES, A. L.R. Aspectos Fitossanitários da Cultura da Alface. **Boletim Técnico**. SP, 2017 pag 1-89. Disponível em: <

http://www.biologico.sp.gov.br/uploads/files/pdf/Boletins/Alface_2017/boletim_alface.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

EMBRAPA. **Como plantar hortaliças**. Embrapa Informação Tecnológica. Brasília, DF, 2006. Disponível em: < <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/100094/como-plantar-hortalicas>>. Acesso em: 20 set. 2020.

HENZ, G.; CALBO, A.; MALDONADE, I. R. Manuseio pós colheita do alface. **Circular técnico**. Embrapa hortaliças, DF, 2008. Disponível em: < <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/781323/1/ct68.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2020.

LOPES, C.A., DUVAL, A.M.Q., REIS, A. **Doenças da Alface**. Embrapa Hortaliças Brasília, DF, 2010. Disponível em: < <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/866064/doencas-da-alface>>. Acesso em 21 set. 2020.

MALDONADE, I. R.; MATTOS, L. M.; MORETTI, C.L. **Manual de boas práticas agrícolas na produção de alface**. Embrapa Hortaliças Brasília, DF, 2014. Disponível em: < <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1009227/manual-de-boas-praticas-agricolas-na-producao>>. Acesso em: 21 set. 2020.

APÊNDICE E

Plano de aula

IDENTIFICAÇÃO:

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

Professor: Ricardo Torres da Silva

Curso: Técnico em Agropecuária

Componente curricular: Horticultura

Turma: Subsequente II

Data 30/09/2020

Duração da hora-aula: 50 minutos

Tema da aula: A cultura do tomate

OBJETIVOS:

Objetivo geral: Conhecer a cultura do Tomate (*Lycopersicon esculentum*)

Objetivos específicos:

- Reconhecer a morfologia da planta
- Identificar os tipos de cultivares
- Explicar o preparo do solo para tomate
- Demonstrar os tratos culturais
- Relacionar as principais doenças e pragas
- Descrever como é feita colheita do tomate

METODOLOGIA

Videoconferência

RECURSOS DIDÁTICOS

- Computador
- Celular
- Slides
- Fotos

AVALIAÇÃO:

- Questionário
- Perguntas e respostas sobre o tema.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, J. B. S, BRITTO, L. G., Cultivo de tomate para industrialização.

Embrapa Hortaliças. Disponível em:

<https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Tomate/TomateIndustrial_2ed/plantio.htm>. Acesso em: 30 Set 2020.

DUSI, A. N., LOPES, C. A, SILVA, C. A. **A cultura do tomateiro para mesa**. Centro Nacional de Pesquisa de Hortaliças. EMBRAPA, Brasília – DF, 1993, 92 p. Disponível

em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/23406/1/00013220.pdf>>.

Acesso em: 29 Set 2020.

EMBRAPA. Tratos culturais do tomateiro. Disponível em:

<<https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/tomate/arvore/CONT000fa2qor2r02wx5eo01xezlshcwkfx5.html>>. Acesso em: 29 Set 2020.

GOMES, M. Goiás é o primeiro no ranking nacional de produção de tomate. Correio Brasiliense. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2017/09/25/internas_economia,628678/producao-de-tomate-no-cerrado.shtml>. Acesso em: 30 Set 2020.

APÊNDICE F

Plano de aula

IDENTIFICAÇÃO:

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

Professor: Ricardo Torres da Silva

Curso: Técnico em Agropecuária

Componente curricular: Horticultura

Turma: Subsequente II

Data 07/10/2020

Duração da hora-aula: 50 minutos

Tema da aula: Uso de forrações em jardins

OBJETIVOS:

Objetivo geral: Conhecer o uso de forrações em jardins

Objetivos específicos:

- Identificar as características da planta de forração
- Explicar o plantio de mudas em forrações no jardim
- Reconhecer os tipos de podas em forrações
- Demonstrar algumas das principais espécies de planta de forrações

METODOLOGIA

Videoconferência

RECURSOS DIDÁTICOS

- Computador
- Celular
- Slides
- Fotos

AVALIAÇÃO:

- Questionário
- Perguntas e respostas sobre o tema.

REFERÊNCIAS

DURANTE, Stéphanie. Miniaturas infalíveis: 21 espécies de forrações para jardim. 21 Set. 2017. **Casa e jardim**. Disponível em: <https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Paisagismo/noticia/2017/09/miniaturas-infaliveis.html>>. Acesso em: 05 out. 2020.

PORTELA, Monique. Saiba quais são e como cuidar das chamadas plantas da forração. 29 nov. 2019. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/haus/paisagismo-jardinagem/plantas-forracao-quais-sao-como-cuidar/>>. Acesso em: 05 out. 2020.

SENAR. **Plantas ornamentais: jardinagem**. Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. Brasília - DF, 2017. 84 p. Disponível em: <<https://www.cnabrazil.org.br/assets/arquivos/173-JARDINAGEM.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2020.

ANEXOS

ANEXO A
Plano de aula

Tema: Arborização Urbana

Turma: Licenciatura em Ciências Agrícolas- LA-1

Tempo: 40 minutos

Profª: Adriana Miranda

Conteúdo	Objetivo	Recursos didáticos	Metodologia	Avaliação
Mística	Estimular reflexões vividas entre os alunos, e alguma espécie vegetal	Projeção simbólica no retroprojektor	Abordagem individual a cada participante (diálogo)	Relato de cada experiências
Caracterização conceitual sobre a arborização urbana	Facilitar o entendimento dos alunos sobre o tema como: importância, desvantagens, necessidade	Retroprojektor	Aula expositiva Demonstração prática, dialogada.	Praticar questionamentos práticos, avaliando o nível de entendimento alcançado
Analisar estudo de caso	Debater com os alunos sobre os textos relacionados a arborização urbana	Resumos de notícias retiradas da internet	Apresentar textos pré-selecionados com abordagem sobre arborização urbana	Diagnosticar o conhecimento prévio de cada aluno sobre os problemas relatados
Organizar um Pré-projeto de arborização	Escolher as espécies mais apropriadas para a execução do projeto	Recortes ilustrativos de espécies vegetais: erva, arbustiva, arbórea.	Escolha de projetos impressos, e Exposição dos mesmo no quadro	Analisar as melhores propostas para a execução dos projetos, avaliando de acordo com o desenvolvimento na atividades proposta

Referências:

Manual de arborização: **orientações e procedimentos técnicos básicos para a implantação e manutenção da arborização da cidade do recife / Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade – SMAS**. 1. Ed. – Recife : [s.n.], 2013. 71 p.

PIVETTA, Kathia Fernandes Lopes; SILVA FILHO, Demóstenes Ferreira da.
Arborização urbana. Jaboticabal: Unesp, 2002. 69 p.

SANCHOTENE, M. C. C. **Desenvolvimento e perspectivas da arborização urbana no Brasil**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARBORIZAÇÃO URBANA, 2., 1994, São Luís. Anais... São Luís: Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, 1994. p.15-35.



UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO

ANEXO B

Plano de Aula

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Professora: Alexsandra Silva de Paula

Data: 08 de janeiro de 2018

Disciplina: Higiene e Profilaxia

Turma: 3º período Técnico em Agropecuária

Tema: Zoonose (Esporotricose)

Objetivos	Conteúdo	Metodologia	Material Didático	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> -Reconhecer os conceitos de Higiene e Profilaxia -Conhecer a Zoonose (Esporotricose) -Identificar os principais meios de transmissão -Entender sobre as ações a ser tomada ao se depara com esta zoonose. -Saber meios para não se contaminar. 	<ul style="list-style-type: none"> -Conceitos Higiene, profilaxia e zoonose; -O que é a esporotricose, Fungo <i>Sporothrix schencki</i>; -No Brasil, quando iniciou os relatos de casos; -Definição de casos suspeitos; - Sinais Clínico em humano e em animais; -Transmissão, tratamento e controle. 	<ul style="list-style-type: none"> -Brainstorm: Reconhecimento dos conhecimentos prévios -Aula Dialogada -Apresentação em Power Point -Distribuição de Folder -Atividade para a aula seguinte 	<ul style="list-style-type: none"> -Quadro -Piloto -Projektor -Resumo do conteúdo 	<ul style="list-style-type: none"> -Avaliação continuada -Participação em sala -Questionar aos alunos seus aprendizados com a aula -Atividade para Aula Seguinte

Referencias:

- Barros, M.B.L, Schubach, T.P; Coll, J.O; Gremião, I.D; Wanke, B; Schubach, A. **Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia**. Rev Panam Salud Publica. 2010.
- Brasil, Ministério da Saúde. **Orientações sobre Vigilância da Esporotricose no Estado do Rio de Janeiro**, Nota Técnica Nº 03/2011- SESRJ e FIOCRUZ.
- Curso técnico em vigilância em saúde. Módulo III – Vigilância em saúde: processo de trabalho. Unidade III – **Controle e prevenção de doenças (zoonoses) e agravos transmitidos / provocados por animais**. / Secretaria da Saúde. Coordenação de Gestão de Pessoas; Coordenação de Vigilância em Saúde. – São Paulo: SMS, 2013. - (Educação profissional da área da saúde) 248 p. Disponível em: sms.sp.bvs.br/lildbi/docsonline/get.php?id=3945 Acesso em: 05 jan. 2018.
- Dicionário online em português. **Higiene, Profilaxia e Zoonose**. <http://dicio.com.br> Acesso em: 05 jan. 2018.
- Lutz A, Splendore A. **Sobre uma micose observada em homens e ratos**. Rev Med São Paulo. 1907
- Secretaria da Saúde. Unidade Municipal de Medicina Veterinária Jorge Vaitsman. **Esporotricose**. Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/ijv/ esporotricose.shtm>. Acesso em: 05 jan. 2018.

ANEXO C

Plano de Aula

Disciplina: Hortaliças orgânicas

Tempo da aula: 40 minutos

Curso: hortas orgânicas - Oficina de compostagem para agricultores e agricultoras

Tema: Compostagem

Data: 22-01-2017

Professor: Lindovaldo Leão

Conteúdos: compostagem; matéria orgânica; composto orgânico; condições básicas: uma fonte de energia ou carbono, uma fonte de proteína ou nitrogênio, umidade e oxigênio; Relação carbono/nitrogênio; importância da temperatura; Montagem pilha ou leira.

Objetivos: Compreender o conceito de compostagem; entender todo processo da compostagem; entender o que é composto orgânico e compreender a organização das leiras de compostagem.

Metodologia/recursos didáticos: Essa oficina vai ser feita de duas etapas, uma com uma parte teórica com uma aula de 45 minutos e a outra com a parte prática com duas aulas de 45 minutos cada em campo. No primeiro momento, vamos fazer perguntas aos agricultores e agricultoras para saber o que eles entendem por compostagem ou o que fazem para fertilizar o solo onde cultivam as hortaliças... No segundo momento, vamos apresentar os conteúdos em slides e no terceiro momento, E no terceiro momento um vídeo com uma extensionista do IPA aplicando uma oficina de compostagem e de como aproveitar os resíduos de vegetais e esterco de galinha encontrado na propriedade; no quarto momento, como avaliação, . Como recurso didático, usaremos o quadro branco, piloto, notebook e retroprojetor.

Avaliação:

Pediremos aos agricultores e agricultoras para falar o que ficou compreendido sobre o assunto. Daí, através das falas poderá identificar, se ficou compreendido ou não o conteúdo trabalhado.

Como também, podemos solicitar que forme pequenos grupos e discuta o assunto entre os pares e faça um pequeno relatório e apresente para o grande grupo. Que pode ser feito em outra aula, caso não der tempo

ANEXO D

UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco -// CODAI – Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas. Curso: Técnico em Agropecuária -
// 4º Período -// Disciplina: Piscicultura.

Docente: Jasiel Lima.

Aula I: Introdução à Piscicultura.

Planode aula

São Lourenço da Mata, 19/06/2018.

Objetivos	Conteúdo	Metodologia	Materiais	Avaliação
Perceber conceito e importância da piscicultura.	Conceitos e importância da piscicultura.	Pesquisa rápida, importância do peixe na alimentação e breve histórico da piscicultura.	Quadro, piloto, notebook projetor, e atividade.	* Continuada e processual. * Observação na interação com o assunto e participação na aula. * Questionamento/ resposta. * Capacidade de resumo de aula, com proposição de atividade.
Diferenciar Piscicultura continental e costeira.	Introdução à piscicultura continental e costeira.	Exposição de imagens, questionamento e diálogo.		
Visualizar dois tipos de sistema integrado de criação.	Introdução a sistema integrado de criação.	Exposição de imagens, questionamento e diálogo.		
Observar as Principais espécies cultivadas no Brasil.	Alusão as principais espécies cultivadas no Brasil.	Leitura de gráfico e diálogo.		

Referências:

- **Brasil. Ministério da Saúde.** Secretaria de Atenção à Saúde. Guia alimentar para a população brasileira : promovendo a alimentação saudável / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, . – Brasília : Ministério da Saúde, 2008. 210 p. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos).
- **MPA – MINISTÉRIO DA PISCICULTURA. 1º Anuário Brasileiro da Pesca e Aquicultura.** Associação cultural e educacional do Brasil – ACEB. Rio de Janeiro. 2014.
- **VINATEA, Luis.** Aquicultura Evolução Histórica. Revista Panorama da Aquicultura. <http://www.panoramadaaquicultura.com.br/paginas/Revistas/30/evolucao.asp> - Visitado em 19/06/2018.
- **FAO. O Estado Mundial da Pesca e da Aquicultura 2016.** Contribuição à segurança alimentar e nutrição para todos. Roma. 224 pp. 2016.
- **Google imagens.**

ANEXO E
Plano de Aula

Professora: Alexsandra Silva de Paula

Data: 26 de junho de 2018

Disciplina: Semiologia Animal

Turma: 3º período Técnico em Agropecuária

Tema: Métodos de contenção física dos animais Domésticos

Objetivos	Conteúdo	Metodologia	Material Didático	Avaliação
<p>-Conhecer o conceito contenção animal</p> <p>-Propiciar conhecimento e reflexão sobre a importância da contenção para segurança do animal e da pessoa que esta próxima ao animal.</p> <p>-Identificar os principais métodos de contenção utilizados no dia a dia de acordo com os procedimentos a serem realizados.</p> <p>-Entender sobre os perigos de uma má contenção.</p>	<p>-Conceitos contenção animal;</p> <p>-Para que conter o animal, qual a importância;</p> <p>-Materiais utilizados para contenção animal</p> <p>-Métodos mais utilizados para contenção de acordo com a espécie animal;</p> <p>-Principais riscos de uma má contenção</p>	<p>-Brainstorm:</p> <p>Reconhecimento dos conhecimentos prévios</p> <p>-Aula Dialogada</p> <p>-Apresentação em Power Point</p> <p>-Apresentação de materias de contenção</p> <p>-Atividade para fixar a aula</p>	<p>-Quadro</p> <p>-Piloto</p> <p>-Projeter</p> <p>-Notebook</p> <p>-Materiais de contenção (expositivo)</p> <p>-Papel ofício</p> <p>-Lápis para desenhar</p>	<p>-Avaliação continuada</p> <p>-Participação em sala</p> <p>-Questionar aos alunos seus aprendizados com a aula</p> <p>-Atividade para Aula</p>

Referencias:

- FEITOSA, F.L.F, **Semiologia Veterinaria: a arte do diagnóstico: cães, gatos, equinos, ruminantes e silvestres**. São Paulo: Roca, 807 p. 2004.
- WALSHAW, S.O. **Manual de Procedimentos Clínicos em Cães, Gatos e Coelhos**. ARTMED, 2000. 279p.

ANEXO F

Plano de Aula

IDENTIFICAÇÃO

Data: 10.07.2018
Instituição: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Vitória de Santo Antão (IFPE);
Curso: Nível Médio Integrado ao técnico em Agropecuária
Disciplina: Práticas Agrícolas e Produção de mudas
Tema da aula: Propagação Vegetal.
Período: 3º ano
Professor: Diógenes Virgínio do Nascimento.
Duração: 30 minutos

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Estimular o conhecimento de diferentes práticas de propagação vegetativa e salientar sua importância para produção de mudas.
Objetivos Específicos:
 - Conceituar os métodos de propagação.
 - Abordar as diferentes formas de propagação vegetativa.
 - Propiciar o entendimento entre os alunos sobre o assunto.
 - Estimular a compreensão das Práticas Agrícolas e Produção de mudas a partir da propagação vegetal.
 - Apresentar materiais que podem ser utilizados na aplicação das boas práticas para propagação vegetal.
 - Estimular a reflexão sobre a importância de manejo e adoção das boas práticas para propagação vegetal à agricultura familiar

METODOLOGIA

- Apresentação de diferentes modelos de Propagação Vegetativa.
- Aula expositiva-dialogada.
- Utilização de materiais nas práticas para propagação vegetal.
- Utilização de desenhos ilustrando as boas práticas estudadas.
- Apresentação de slides.
- Exposição em quadro branco.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro branco
- Caneta para quadro branco
- Data show
- Desenhos previamente preparados

AVALIAÇÃO

Será continuada avaliando a interação dos alunos e a participação no questionário de identificação de práticas de propagação vegetal.

REFERÊNCIAS:

- FACHINELLO, J. CARLOS; Propagação de plantas frutíferas de clima temperado, ed. universitária, Pelotas, 1995.
- PAIVA, H. N., GOMES, J. M. Propagação vegetativa de espécies florestais. Viçosa, MG: UFV, 1995. 40 p. (Boletim, 322).

ANEXO G

PLANO DE AULA

Disciplina: Horticultura

Tempo da aula: 40 minutos

Curso: Técnico em agropecuária

Turma: 3º período

Aula: Compostagem

Data: 31/07/2018

Professor: Lindovaldo Leão

Objetivos

Objetivo geral: Entender todo processo da construção do composto orgânico. **Objetivo específico:** Compreender o conceito de compostagem; entender o que é composto orgânico e compreender a organização das pilhas de compostagem.

Conteúdo

Compostagem; matéria orgânica; composto orgânico; condições básicas: uma fonte de energia ou carbono, uma fonte de proteína ou nitrogênio, umidade e oxigênio; Relação carbono/nitrogênio; importância da temperatura; Montagem pilha ou leira.

Metodologia

No primeiro momento, lançamento de uma situação-problema: Em uma propriedade de agricultura familiar temos matérias primas disponíveis para produção agrícola; como melhor aproveitar essas matérias primas para melhorar a produção, já que se percebe a utilização desordenada desse material? No segundo momento para saber os conhecimentos prévios dos (as) alunos (as), vamos indagar o que eles entendem por compostagem; o que temos na propriedade que podemos utilizar como matéria prima para compostagem. No terceiro momento, vamos apresentar um texto contendo os conteúdos para que eles (as) leiam e sistematizem as perguntas anteriores em discussão e der uma solução para situação problema. No quarto momento, realizamos uma demonstração de uma montagem de uma pilha de composto em grupo. Quinto momento realizamos uma avaliação, através de um dialogo.

Recursos didáticos

Quadro branco; piloto; textos; amostras vegetais.

Avaliação

Pediremos aos alunos (as) para falar o que ficou compreendido sobre o assunto. Daí, através das falas poderá identificar, se ficou compreendido ou não o conteúdo trabalhado.

Referencia

CÂMARA, L. M. R. Aula 02 compostagem. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/luizmurilo/aula-02-compostagem>. Acessado em: 28-07-2018.

KIEHL, E. J. **Manual de compostagem: maturação e qualidade do composto**. Editado pelo autor. Piracicaba, São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, M. F. G. **Produção de adubo orgânico: compostagem e vermicompostagem**. (s.n.) 2005. 10p.

ANEXO H

Plano de Aula

Instituição: Universidade Federal Rural de Pernambuco

Curso: Técnico em Agropecuária

Disciplina: Meio ambiente

Professora: Adriana Miranda

Duração 50 minutos

Data: 31 de julho de 2018

Objetivo Geral

- Visa sensibilizar os educandos sobre o tema Mata Ciliar, mostrando a importância e os problemas encontrados nessas formações, bem como, discutir baseado na lei, ações no combate a esses crimes ambientais. Estimulando ao final o entendimento/ posicionamento de cada um sobre o tema proposto.

Objetivos específicos

- Debater com os educandos o conceito de Mata ciliar;
- Analisar qual a importância e quais os riscos advindos com a supressão ou redução das matas ciliares
- Conhecer o que está proposto de acordo com Código Florestal Brasileiro;
- Refletir nos casos verídicos, os problemas ocorridos na localidade.

Metodologia

- Trabalharemos os conhecimentos prévios dos educandos;
- Utilizaremos imagens ilustrativas para facilitar o entendimento sobre Mata Ciliar;
- Exposição em quadro sobre o tema
- Serão expostas em cartazes descrições sobre conteúdo proposto;
- Serão formados dois grupos e montada uma maquete com dois lados: um com vegetação ciliar e o outro sem a vegetação.

Recursos didáticos

- Pincel
- Quadro
- Recortes de notícias
- Imagens ilustrativas
- Areia

- Materiais vegetativos
- garrafa com água
- cartolinas
- isopor
- tinta azul

Avaliação

- Será avaliada a participação em sala
- atividade prática na construção de uma maquete atribuindo elementos do conteúdo
- Questionamentos levantados durante a apresentação

Referências:

LIMA, W. de P. & ZAKIA, M.J.B. Hidrologia de Matas Ciliares. In. Rodrigues R. R. & Leitão Filho H. de F. de. Matas ciliares: conservação e recuperação. São Paulo: EDUSP, 2001, 320 p.

BRASIL, Congresso. Senado. **Lei N.º 12.651**, de 25 de maio de 2012. Institui sobre o Código Florestal brasileiro. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4771.htm>. Acesso em: 27 jul. 2018.

Martins, S. V.. Recuperação de Matas Ciliares. Viçosa: CPT, 255p. 2007

ANEXO I

OLHAR DOS ESTUDANTES	Nº DE ESTUDANTES
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	0 😞
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: Domínio do conteúdo, adequar a aula ao público, Sequência lógica, Cumprimento do conteúdo previsto, clareza, aplicabilidade.	5
METODOLOGIA: técnicas utilizadas, metodologia e recursos didáticos que atraíam a atenção dos alunos, escolha adequada dos métodos e técnicas <u>para alcançar os objetivos propostos</u> ;	3
RECURSOS DIDÁTICOS - Utilização de recursos didáticos variados como quadro, tarjetas, apresentação em PowerPoint entre outros para tornar a aula dinâmica; saber usar;; QUANTIDADE	4
AVALIAÇÃO: Avaliação da aula, <u>método avaliativo se atende ao que foi proposto no plano de aula/ensino</u> (OBJETIVOS ESPECÍFICOS); Fechamento aula.	3
TEMPO: fazer com que tudo ocorra dentro do tempo estipulado, ter bom domínio do tempo, tempo de duração da aula.	4
CONTEXTUALIZAÇÃO contextualizando a temática com a realidade do estudante e sua prática profissional	3
PARTICIPAÇÃO: conquistar uma turma, aula incrível é fascinante, estratégias para conseguir captar a atenção dos alunos, Exemplificações, dinâmicas de interação, conhecimentos prévios, valorizando os saberes dos estudantes e buscando estimular a curiosidade e criatividade;	4
REFERÊNCIAS	😞

ANEXO J

RESUMO DA ATIVIDADE 2 PARA DISCUTIR COM A TURMA

FACILITA A APRENDIZAGEM	????????????????????	DIFICULTA A APRENDIZAGEM
Domínio do conteúdo		Preocupação com a qualidade do material
Comprometimento		<u>Exigente</u>
Presente na vida dos alunos		Não se importava com as dificuldades dos alunos
Conteúdo sempre atualizado		Conversava com cada aluno.
Estimula a dar o melhor de si		Não explicava os erros cometidos pelos alunos na prova.
Se preocupava em contextualizar		Professor ausente, não esclarecia as dúvidas, as aulas eram somente através de apostilas
Simpático		Ela sempre utilizava o mesmo método nas suas aulas, chegava na sala, pedia para os alunos abrirem o livro na página de questões, ler e entregar. Enquanto era feito a atividade, ela ficava birô mexendo no celular
Conversava com os alunos sobre sua escolha no vestibular		Todo o ano letivo, como estímulo... Todo ano a entrevistada se esforçava para ganhar a medalha, mas a professora sempre escolhia os mesmos alunos
Não gostava que discordassem	Paciente e sorridente (o <i>historiador e brincalhão</i>)	
Muito criativa		Sempre aparentava estressada
Fazia uma aula muito participativa e dinâmica		Em relação ao controle em sala de aula era a melhor entre os demais docentes, segundo o entrevistado, devido a sua rigidez em sala posta pelo medo que os alunos sentiam por ela

Linguagem adequada		Me esforçava para tirar boas notas, sempre conseguia passar na média de 6 nas provas, mas não a maioria da turma, devido a isso, algumas meninas da turma davam em cima do professor com gestos sexuais e por isso ele alterava as notas dessas alunas
Buscava esclarecer as dúvidas (<i>o simples</i>)		
Usava de estímulos para ter uma reação dos alunos, usando medalhas para os 3 melhores alunos durante		

ANEXO K

Plano de aula

IDENTIFICAÇÃO:

Instituição: Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas – CODAI

Professora: [REDACTED]

Curso: Técnico em Agropecuária

Componente curricular: Higiene, Limpeza e Sanitização na Agroindústria

Turma: 4º período

Data 19/08/2020

Duração da hora-aula: 50 minutos

Tema da aula: Qualidade da água na agroindústria

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Importância da água na indústria de alimentos

Características da água

Cuidados no abastecimento

Tipos de poluição da água

Tratamento e descarte de efluentes

OBJETIVOS:

Objetivo geral: Aprender a importância da água na indústria de alimentos

Objetivos específicos:

-Conhecer as características da água

-Conhecer os cuidados no abastecimento

-Aprender os tipos de poluição da água

-Aprender como é feito o tratamento de efluentes.

METODOLOGIA

-Videoaula

RECURSOS DIDÁTICOS

- Apresentação de slides com áudio
- Atividade de pesquisa
- Questionário

AVALIAÇÃO:

- pesquisa a ser realizada pelos alunos
- Questionário sobre o tema da aula

REFERÊNCIAS

ARRUDA, V. C. M. de. Tratamento anaeróbio de efluentes gerados em matadouros de bovinos. 2004. 128 p. Dissertação (mestrado). Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife

BRASIL, Portaria de Consolidação nº 5 de 28 de setembro de 2017. Consolidação das normas sobre as ações e os serviços de saúde do Sistema Único de Saúde. Diário Oficial da União, Brasília, nº 190, seção 1, p. 360.

CONSULTORA DE ALIMENTOS. Qualidade da água usada na indústria de alimentos. 2017. Disponível em: <<https://consultoradealimentos.com.br/boas-praticas/qualidade-agua-industria-alimentos/>>. Acesso em 15 ago. 2020.

DEZ mil litros de sangue bovino mancham Rio Vermelho em Goiás. Veja, 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/dez-mil-litros-de-sangue-bovino-mancham-rio-vermelho-em-goias/>>. Acessado em 15 ago. 2020

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Conservação e reúso da água: Manual de Orientações para o Setor Industrial. 2004. 92 p.

PORTAL EDUCAÇÃO. Água na indústria de alimentos. Disponível em: <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/farmacia/agua-na-industria-de-alimentos/57760>>. Acesso em 15 ago. 2020.

REGUEIRA, C. Cheiro e gosto ruins na água do RJ não foram por geosmina, segundo análises da UFRJ. G, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de->

janeiro/noticia/2020/06/04/cheiro-e-gosto-ruins-na-agua-do-rj-nao-foram-causados-pela-geosmina-segundo-analises-da-ufRJ.ghtml>. Acessado em 15 ago. 2020.

SILVA, G., DUTRA, P. R. S., CADIMA, I. M. Higiene na indústria de alimentos. EDUFRPE, 2010. 134 p.

THEBALDI, M. S. et al. Qualidade da água de um córrego sob influência de efluente tratado de abate bovino. **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental-Agriambi**, v. 15, n. 3, 2011.